

CENTRO UNIVERSITÁRIO MOURA LACERDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO

Novos Olhares Sobre a Dança no Contexto Escolar

Ana Lúcia Cordeiro

Ribeirão Preto/SP
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CENTRO UNIVERSITÁRIO MOURA LACERDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO

Novos Olhares Sobre a Dança no Contexto Escolar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto (PPGE) – SP, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação Escolar

Orientadora: Prof. Dra. Maria de Fátima da S.Costa G.de Mattos

Ribeirão Preto/SP

2008

CENTRO UNIVERSITÁRIO MOURA LACERDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO

Novos Olhares Sobre a Dança no Contexto Escolar

COMISSÃO JULGADORA

Orientadora Prof^ª Dra. Maria de Fátima da S. Costa G. de Mattos

1º Examinador: Prof^ª Dra. Filomena Elaine Paiva Assolini

2º Examinador: Prof^ª Dra. Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves

Dedico

...aos meus queridos pais José e Santa, que me proporcionaram uma infância feliz e alimentaram meu sonho dando oportunidades para alcançá-lo não medindo esforços para a minha formação.

...`a minha querida irmã Márcia que me fortaleceu durante o caminho, não deixando que os obstáculos impedissem de seguir adiante e vencê-los.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar minha gratidão é expressa a DEUS, que não nos abandona nunca.

Ao meu esposo Adriano pelo apoio e incentivo, pelas horas me ajudando na elaboração do trabalho, pela paciência e amor nas horas de desânimo.

À minha filha Letícia pela compreensão e apoio apesar de minha ausência durante os estudos.

À diretoria do Colégio Objetivo de Monte Alto, Develina Peloso Inforçatti e Fabiana Inforçatti Haddad, pela confiança e oportunidade em desenvolver minhas propostas de dança com os alunos.

Às professoras e funcionárias do Colégio Objetivo de Monte Alto pela amizade, pelo incentivo, pela troca de conhecimento, e apoio necessários para esta caminhada.

Aos professores e funcionários da Academia Aero Dance, que sempre me apoiaram, em especial à Jaqueline que com sua paciência me ajudou nos momentos de stress.

À Maíra, pelo seu carinho e companheirismo, sempre me socorrendo quando precisei de suas aulas na Academia.

À Laíza, que sem medir esforços esteve sempre pronta a me auxiliar.

À minha amiga Eliete, companheira e confidente durante as viagens para a faculdade.

À todas as professoras do Mestrado em Educação da Instituição Moura Lacerda, em especial à professora Dr^a Maria Cristina S. G. Fernandes por ter acreditado em mim, e me amparado durante a finalização deste trabalho e à professora Dr^a Maria de Fátima da S. Costa G. de Mattos minha orientadora.

Concluo agradecendo aos meus queridos alunos, que se empenharam participando das aulas, acreditando em meu trabalho, e colaborando com desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho pretende contribuir para novos olhares sobre a importância da dança dentro da graduação como forma de conhecimento em arte. Buscou-se na história da dança, a importância que ela traz para a evolução humana, desde sua origem, e quais suas contribuições para educação escolar brasileira.

Propomos uma reflexão, sobre a prática escolar existente ainda nos dias atuais sobre o ensino da arte, com o foco em dança. As entrevistas foram realizadas com alunos graduandos em Arte, onde o objetivo era investigar importância da dança dentro da arte e quais os conhecimentos profissionais para a aplicação prática desse conhecimento. As entrevistas foram transcritas e analisadas através da análise de conteúdo proposto por Bardin, tendo como objetivo o repensar a dança dentro do contexto escolar, deixando de ser apenas um recurso representativo em datas comemorativas, e sim uma função educativa.

Palavras-chave: Dança - Arte - Formação de Professores

ABSTRACT

This paper aims to contribute to new visions about the importance of dance in the graduation as a form of knowledge in art. The aim was to the history of dance, the importance that it brings to human evolution, since its origin, and what their contributions to Brazilian school education.

We propose a reflection on the school practice still exists today on the teaching of art with a focus on dance. The interviews were conducted with students graduating in Art, where the goal was to investigate the importance of art and dance in which the professional knowledge to the practical application of that knowledge. Interviews were transcribed and analyzed by examining the content proposed by Bardin, with the aim to rethink the dance within the school context, leaving only an appeal to be representative in dates, but an educational function.

Keywords: Dance - Art - Training of Teachers

LISTA DE TABELAS

TABELA 1-	Tema: Experiência anterior com a dança.....	45
TABELA 2 -	Tema: Experiência Docente no ensino oficial.....	46
TABELA 3 -	Tema: Pensamento sobre o que acham que os alunos das escolas “gostariam” de aprender.....	47
TABELA 4 -	Tema: Pensamento sobre o que acham que os alunos das escolas “deveriam” aprender.....	48
TABELA 5 -	Tema: Pensamento sobre a dança na escola atualmente.....	50
TABELA 6 -	Tema: Expectativa com as aulas de dança na graduação.....	51
TABELA 7 -	Tema: Pensamento sobre a dança na escola após a disciplina proposta.....	52
TABELA 8 -	Tema: Dança como forma de integração do aluno no meio social.....	55
TABELA 9 -	Tema: Pensamento sobre o que os alunos deveriam aprender.....	56
TABELA 10 -	Tema: Expectativa quanto ao conteúdo abordado.....	58
TABELA 11 -	Tema: Pontos positivos e negativos do conteúdo abordado.....	60
TABELA 12 -	Tema: Dificuldade nas aulas.....	61
TABELA 13 -	Tema: Preparado para a prática docente.....	63

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 –	Experiência anterior com a dança.....	46
GRÁFICO 2 –	Experiência docente no ensino oficial.....	47
GRÁFICO 3 –	O que “gostariam” de aprender.....	48
GRÁFICO 4 –	O que “deveriam” aprender.....	49
GRÁFICO 5 -	Sobre a dança nas escolas atualmente.....	50
GRÁFICO 6 -	Expectativa com as aulas de dança na graduação.....	51
GRÁFICO 7 -	Visão sobre a dança após a disciplina.....	53
GRÁFICO 8 –	Integração do aluno.....	55
GRÁFICO 9 –	O que “deveriam” aprender.....	57
GRÁFICO 10 –	Expectativa quanto ao conteúdo.....	58
GRÁFICO 11 –	Pontos positivos e negativos.....	61
GRÁFICO 12 -	Dificuldade nas aulas.....	62
GRÁFICO 13 –	Preparado para a prática docente.....	64

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Plano de ensino. Artes Cênicas, 2007.....	43
-------------------	---	----

ANEXOS

Anexo 1.....72
Anexo 2.....73
Anexo 3.....74

SUMÁRIO

Resumo.....	5
Abstract.....	6
Introdução.....	12
1-A origem da Dança.....	16
1.1 O surgimento da Dança Moderna.....	21
2 - A Dança na Educação Brasileira.....	27
3- Metodologia.....	38
3.1. Tipo de Pesquisa.....	38
3.2. Local e participantes da pesquisa.....	38
3.3.Procedimentos de Coleta.....	38
3.4. Procedimento de Análise.....	39
4-Resultados e Discussão.....	42
4.1. Questionário inicial.....	45
4.2. Questionário final.....	52
4.3 Resultado e discussão da investigação feita pelos alunos aos professores de artes das escolas municipais da cidade onde moram.....	64
Considerações Finais.....	67
Referências.....	70
Anexos.....	72

INTRODUÇÃO

"A dança existe desde os tempos pré-históricos – e é tão velha quanto a própria vida humana". (FAHLBUSCH, 1990).

A Dança sempre esteve presente na minha vida. Desde a minha primeira infância a dança já despertava o meu interesse em movimentar-me, era como se a música penetrasse dentro de mim, contagiando-me para que eu me movimentasse, a ponto de sentir um enorme prazer em fazer aquilo.

Segundo Fahlbusch (1990):

A dança [...] nasceu desde as primeiras manifestações da comunhão mística do homem com a Natureza, como a expressão dinâmica das emoções primitivas do homem. Para manifestar suas emoções e expandi-las exteriormente, o homem primitivo recorreu naturalmente ao movimento, ao gesto, que é a dança em sua forma mais primitiva e elementar. Antes de usar a palavra, o homem já se servia do movimento corporal, do gesto primitivo, pressionado pelo ritmo natural de suas emoções. (p.15).

Os mais diversos tipos de música faziam com que meu corpo se movimentasse, e às vezes, a minha própria música, murmúrios, fazia com que eu dançasse de maneira espontânea e livre.

Ao longo da minha vida, pude perceber o quanto a dança é importante para o desenvolvimento do ser humano, pois a música, a dança, a arte é um processo histórico – social construído ao longo da existência humana.

Se nos recordarmos da primeira infância, ou, se perguntarmos aos nossos pais, se nos movimentávamos ao som de uma música quando pequeninos, com certeza a resposta, em sua maioria, seria sim, pois sabemos que o som faz parte de nós desde nossa vida uterina. Eu dançava pelo prazer que aquilo me causava.

Lembro-me que ainda pequena reunia as amigas na garagem de minha casa, para dançar, esta brincadeira que reunia um grupo, acabou interagindo e trocando idéias, com o passar do tempo a brincadeira foi adquirindo conhecimento específico, ou seja, para cada música existia um ritmo e para cada ritmo existia tipos de movimentos e através disso montava-se algumas seqüências de movimentos, conforme as músicas mais tocadas na época, e chegamos a nos apresentar em várias comemorações da escola e do bairro em que morávamos.

Na adolescência soube que a dança faria parte da minha vida como profissão, pois o poder da expressão corporal que a dança me possibilitava através da música era essencial para a minha própria existência humana.

Durante muitos anos fiz aulas de dança em academias e escolas de dança, e busquei na graduação em Educação Física um caminho que me possibilitasse trabalhar com a dança, pois a Graduação em Dança não era uma realidade possível na região em que residia e resido nos dias atuais.

Leciono dança há 18 anos aos mais diversos tipos de pessoas; crianças, adolescentes, adultos e idosos, e percebo o quanto a dança é importante para nossa vida e ao mesmo tempo o quanto ela é desvalorizada no currículo escolar.

As referências bibliográficas sobre dança nunca foram de fácil acesso, e ainda hoje com todo trabalho em dança já realizado no Brasil elas são escassas, o que não diminuiu o meu empenho em buscar na dança uma nova forma de vida para o meu aprendizado e desenvolvimento.

A busca de informação sobre dança foram a principio através de aulas práticas e cursos livres realizados pelas Diretorias de Ensino, das cidades do interior de São Paulo, como Jaboticabal, Ribeirão Preto, Taquaritinga, etc. e cursos particulares oferecidos dentro do Estado de São Paulo. Depois com o passar do tempo eu não mais poderia aprender formas de dança, eu precisava de pesquisa na área de dança para definitivamente usar a dança como recurso metodológico e pratico que tivesse como objetivo a importância disso para a vida das pessoas.

Em 1996 fui contratada por uma escola particular, na cidade de Monte Alto, como professora de Dança. A escola acreditava que essa linguagem artística deveria fazer parte do conteúdo programático, sendo um diferencial oferecido aos alunos perante as escolas públicas, que de modo geral não oferece esse tipo de recurso aos alunos.

Ao iniciar esse trabalho alguns questionamentos surgiram: o que as crianças deveriam aprender com a dança? O que as crianças gostariam de aprender nas aulas de dança?

Essas questões por anos foram pesquisadas e analisadas por mim, com o objetivo de achar o caminho para uma ação pedagógica, onde a dança na escola tivesse o objetivo de ser significativa e relevante para a vida do aluno. Eu não gostaria que a dança fosse pensada, apenas, como um “acontecimento “festivo”, pois a dança ou a expressão corporal tem um papel fundamental no desenvolvimento humano, ela é muito mais que um simples acontecimento ilustrativo e decorativo, ela é sim, a forma mais pura da expressão de um corpo em movimento.

Percebo que durante o período letivo, as crianças devam vivenciar atividades corporais relacionadas com a dança, o ritmo, ou a expressão corporal, para que no final de um período letivo ela possa ser vivenciada como arte em uma apresentação.

A realidade vivida por mim, ainda nos dias atuais não é essa, a de construção de um processo para se chegar a um resultado significativo, pois, a dança ou melhor os movimentos selecionados para a representação de uma música, são movimentos que não são construídos ao longo do período letivo, são movimentos passados aos alunos que em menos de um mês possam ser "decorados" e apresentados em um evento comemorativo.

O que se percebe é que, ao usar a dança como um recurso paliativo, a mesma reflete de maneira não significativa ao "produto final", pois o processo não tem vínculo com o desenvolvimento crítico da linguagem artística, e muito menos com a contextualização do tema a ser representado, causando em todos um forte desconforto, pois a dança não pode ser vista como um ato mecânico, junto a ela esta atrelado a emoção.

Em 2006, fui lecionar dança, na disciplina de Artes Cênicas, em uma Faculdade de Educação do interior paulista dentro do curso de Educação Artística.

Tanto na nova LDB, Lei n.º 9394/96 que enfatiza a obrigatoriedade do ensino de Artes nas escolas, quanto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) organizados em livros específicos, com abordagens metodológicas em todas as áreas do conhecimento, a Dança está incluída como possibilidade ao profissional formado em Artes, que trabalha com as quatro linguagens artísticas: Artes Visuais, Música, Teatro e Dança.

Considerando minha experiência profissional como docente e a fundamentação legal referente à Dança, optei por ampliar meus conhecimentos e reflexões por meio da pesquisa em um Programa de Mestrado em Educação. Algumas questões nortearam este caminho: será que os professores de Arte atingem os objetivos propostos para o ensino da Dança? O que os alunos pensam sobre a dança nas escolas e o que esperam dessa disciplina na graduação?

Nesse sentido, o principal objetivo desta investigação é identificar e interpretar as concepções dos graduandos em Educação Artística, sobre a dança na escola, antes e depois de vivenciarem as dinâmicas propostas pelo curso.

Assim, ao apresentar esta pesquisa, no capítulo 1 contextualizamos a Dança e sua evolução através dos tempos, abordando a influência do contexto social nas suas manifestações, até o surgimento da Dança Moderna e alguns de seus principais precursores.

No capítulo 2 buscamos elucidar a relação da Dança com a Educação Brasileira, as influências sociais da educação voltada para o trabalho que resultou na ausência da Dança no currículo escolar, e, por fim, algumas reflexões sobre a atual situação da Dança na escola.

No capítulo 3 apresentamos a metodologia da pesquisa realizada com a participação dos alunos da graduação em Educação Artística de uma Faculdade do interior do Estado de São Paulo. Evidenciamos os procedimentos de coleta e análise dos dados baseada nas propostas de Laurence Bardin (1977).

Por fim, no capítulo 4, apresentamos os resultados obtidos por meio das respostas dos alunos antes e depois de cursarem a disciplina de Dança no ensino superior, aferimos a contribuição da disciplina na formação desse futuro professor; suas expectativas e conclusões sobre a importância de se trabalhar com essa linguagem na disciplina de Arte, e o que os alunos esperam alcançar por meio dela. Finalmente, poder colaborar na construção do sujeito, que será o futuro professor de Arte, considerando o seu papel no ensino fundamental.

Nossa pesquisa, não tem a pretensão de esgotar o assunto, pelo contrário, apenas levantar questões e contribuir para uma área que ainda tem muito que caminhar e conquistar para poder estabelecer-se como componente importante na formação da criança.

1 - ORIGEM DA DANÇA

Falar detalhadamente sobre como surgiu a dança e seu desenvolvimento através dos tempos, é tarefa quase impossível, se não for impossível, pois, não há documentos que comprovem os fatos citados desde os primórdios, senão por suposições, e foi somente com o aparecimento dos grandes balés russos é que começaram a surgir anotações e relatos pessoais dos próprios bailarinos com relação à dança.

Este capítulo trata-se de situar o leitor sobre alguns fatos de maior relevância que podem contribuir para o melhor entendimento dos resultados desta pesquisa.

Os primeiros documentos sobre a origem primitiva dos passos da dança são provenientes de descobertas das pinturas rupestres e, esculturas, encontradas nas cavernas do homem pré-histórico, deixando assim, gravadas na pedra, “a sua obra de arte”.

Segundo Faro (2004):

“E como o homem da idade da pedra só gravava nas paredes de suas cavernas aquilo que lhe era importante, como a caça, a alimentação, a vida e a morte, é possível que essas figuras dançantes fizessem parte de rituais de cunho religioso, básicos para a sociedade de então, a cujos costumes esse tipo de manifestação já estaria incorporado”. (p 13)

Agradar aos deuses era a principal função da dança do homem primitivo, os rituais praticados por eles tinham um caráter religioso, sendo que a maioria das vezes que se dançava era para agradecer, invocar, comemorar; para cada acontecimento tinha uma forma de dança: casamento, mortes, caças, mudança de estações, sempre buscando o bem estar da comunidade.

Com o decorrer do tempo, o homem foi socializando-se, e a dança tornou-se parte da cultura, não fazendo parte somente como sentido de comunhão mística entre deuses e os homens.

Assim, conforme cita Fahlbusch,(1990),

“quando a dança perdeu a força mágica que elevava o homem num estado de êxtase, com o poder de intervir na vida da Natureza, a dança também perdeu seu impulso criador, transformando-se em dança-arte predominando o elemento estético”. (p.15)

Se observarmos as demais artes, encontraremos muitos vestígios históricos que ilustram a vida e a sociedade em cada período: a arquitetura deixou-nos os edifícios, a escultura e a pintura, materiais concretos que evidenciam a época a qual pertenceram; a

música e a poesia deixaram-nos partituras e manuscritos; mas, o movimento corporal perdeu-se no tempo e no espaço, não deixando evidências concretas além dos desenhos nas cavernas, ou dos afrescos em paredes Cretenses e Etruscas, além da transmissão oral de geração em geração, durante a antiguidade.

Segundo Ossoona (1988), na Grécia já existia o profissionalismo em dança. O profissional era, geralmente, um escravo contratado para alegrar as festas e o artista, um cidadão que dedicava seu talento às festividades divinas.

Em Roma, foram introduzidas as coreografias gregas e etruscas, que depois de adaptadas pelos romanos, tornaram-se grosseiras, perdendo beleza e harmonia.

“Por volta do ano 200 a.c produziu-se então um fenômeno novo na história da dança. Pela primeira vez, esta entra na vida privada, transformando-se num requisito social das classes superiores.” (OSSONA, 1988 p.59)

Ainda durante o período greco-romano, a dança teria várias funções: religiosa, representada por sacerdotes; social, praticada pela elite como divertimento; artística, por meio dos músicos, atores, poetas, dançarinos e acrobatas, representada nos circos e nas festas.

Com a expansão do Cristianismo, na Idade Média, a dança manteve um lugar relevante nas Igrejas na cena teatral, mas como a doutrina cristã pregava a salvação das almas, *“o corpo era um obstáculo” e a dança acabou sendo considerada um prazer e foi banida do culto religioso*. Assim, sendo considerada como uma atividade pagã foi proibida pelo clero. (OSSONA, 1988 p.61)

Uma das formas artísticas características da Idade Média foi o teatro litúrgico ¹, iniciado na igreja, para depois ser executado no pórtico de entrada e por último, na praça em frente à igreja, sem, contudo, utilizar a dança. Com a sua transformação em teatro popular², passou a utilizar-se da dança, porém, encenada por anjos e diabo representado em gestos desconcertados. Desde a Antiguidade, é comum encontrarmos esse tipo de separação entre dança cerimonial e dança como forma de entretenimento. (OSSONA, 1988 p.61)

No que diz respeito ao lazer do povo, a prática da dança também estava presente. Encontramos sua diferenciação na corte provençal, adquirindo características especiais, visto que era produto de um novo código social. Uma forma coreográfica da alta Idade Média, nos

¹ Encenações de textos religiosos para ensinar o povo lições de moralidade

² Cenas de tragédia e comédia representando o cotidiano do povo

séculos XV e XVI, foi a *Moresca*, dançada na Espanha, um tipo de crônica que por meio dos movimentos, representava as batalhas entre mouros e cristãos. (OSSONA, 1988 p. 62)

As manifestações artísticas do Renascimento definiram-se pelo intercâmbio cultural entre as classes altas e populares, de onde surgem os mestres de dança contratados pelos nobres italianos, para criarem espetáculos para os membros da corte. Segundo Ossona (1988), os mestres de dança eram de origem judaica, possuíam habilidades diferenciadas e tiveram grande influência na vida cortesã, chegando a serem regentes da etiqueta e da moda. As músicas eram compostas por importantes compositores da época, inclusive quando Catarina de Médicis tornou-se rainha da França em 1547, contratou um grupo de artistas italianos para ir a Paris, criar e apresentar o magnífico Balé Cômico da Rainha, em 1581. Este tipo de espetáculo foi sendo copiado pelas cortes e pela nobreza, competindo entre si e buscando cada vez mais espetáculos luxuosos, que preenchessem a monotonia da vida.

Começaram a surgir os salões³ e os guias de dança⁴, despertando, assim, o interesse da classe comercial e industrial pela dança, como produto. (OSSONA, 1988 p. 63)

“A evolução da dança seguiu este trajeto: o templo, a aldeia, a igreja, a praça, o salão e o palco. O salão inclui todas as danças que passaram a fazer parte da vida da nobreza européia da Idade Média em diante”. (FARO, 2004 p.30)

Na França, o Rei Luís XIV (1638-1715) deu total apoio às artes, tornando a França o centro cultural da Europa. Durante seu reinado dançou nos balés da corte e um dos seus papéis favoritos foi o de Apolo, deus grego que representava o sol, por isso o apelido que o tornou famoso, o "Rei Sol". O balé começou a ter seus próprios intérpretes profissionais e a seguir um sistema formal de movimentos. Isto fez com que o tédio invadisse a corte, pois as apresentações eram repetitivas e a necessidade de mudança fez surgir os *Bals Masques*⁵ (Baile de Máscaras). (OSSONA, 1988)

No séc. XVII criaram-se as casas de teatro e *ballet*; os primeiros Bailes de Máscaras no carnaval que, posteriormente, o rei Luís XV expandiu como divertimento para todas as épocas do ano.

Data do reinado de Luis XIV, em 1661, a fundação da L'Académie de Musique et de Danse, que são hoje, a Escola e o Balé da Ópera de Paris. (FARO, 2004 p.32)

³ Segundo Ossona (1988), os salões de dança surgiram para acolher um grande número de pessoas.

⁴ Segundo Ossona (1988) os guias de dança surgiram da necessidade de estabelecer ordem nos desenhos coreográficos, uma vez que eram acostumados à formação de grupos, improvisação de ritmos e de passos.

⁵ Segundo Ossona (1988), nos Bailes de Máscaras abriam-se as portas do palácio à meia noite para os mascarados não convidados, que podiam inclusive convidar qualquer dama da corte para uma dança.

A França foi pioneira na arte do *Ballet*, devido aos incentivos governamentais de Luis XIV a essa linguagem artística, espalhando-se por toda a Europa; a Rússia recebeu muitos bailarinos franceses e italianos que foram consolidando suas técnicas e assim se destacando. Na Itália, a preferência era pela Ópera. As escolas italianas produziam excelentes bailarinos que iam brilhar em outros países, como a Inglaterra, que acolhia grandes bailarinos franceses. (FARO, 2004)

Os deuses da mitologia era a temática escolhida para os grandes espetáculos de balé, que teve o seu esvaziamento no final do século XVII, quando a Dança, participando com códigos diversos, passa a ser considerada como técnica. Os movimentos foram adquirindo nomenclatura específica e duas escolas – a francesa e a italiana - tornaram-se base da dança clássica, sendo substituídos mais tarde por temas relacionados ao cotidiano do povo, devido ao progresso social da humanidade. (FARO, 2004 p.35)

Segundo Ossoina (1988) no século XVIII, os Bailes da Ópera passam a ser organizados e pagos, pondo fim aos bailes residenciais da classe aristocrática, assim, qualquer pessoa que pagasse podia freqüentar e executar os “últimos movimentos impostos pela moda” da época. (p. 66)

Observamos na evolução da dança através da história, que assim como a humanidade evoluiu, ela também sofreu várias modificações, adequando-se a funções e códigos sociais. Aquela dança de caráter místico, que se acreditava ter poderes perante os deuses, se transformou em atividade prazerosa, predominando o sentido subjetivo de quem a praticava (FAHLBUSCH,1990).

A evolução histórica da Dança é também ligada ao vestuário, vestidos longos e pesados, com pedrarias riquíssimas, usado pelas mulheres da corte, impediam movimentos mais ousados como, os de saltar. Várias tentativas ocorreram no sentido de liberar o excesso de vestimenta para facilitar os movimentos. Foi somente com Isadora Duncan, 200 anos mais tarde, é que se conseguiu romper com os costumes não-permitidos para a época.

Entre os séculos XVIII e XIX no período que se segue à Revolução Francesa, com o gradativo crescimento das populações urbanas e o otimismo gerado pelo progresso, por parte da sociedade europeia, houve uma transição da dança-religião para a dança arte, conforme observa Faro (2004):

“a liberação dos trajés, a liberação dos temas, a popularização da dança, seu progresso técnico através da codificação do seu

ensino, o aparecimento de figuras como Noverre, [...] dariam enorme impulso a essa arte. (p.36).

Segundo Faro (2004), as danças de salão que surgiram nos palácios nobres da Europa são provenientes das danças populares, das aldeias dos camponeses e que, adquirindo novas formas chegaram aos palácios agradando aos cortesãos.

A partir do séc. XIX, com a criação de composições musicais específicas para os espetáculos, a expansão dos Salões de Baile tornou-se negócio cada vez mais rentável, apresentando como resultado o fim da Dança como expressão espontânea, para se tornar um produto a ser consumido.

Conforme Ossoona (1988) relata em seu texto:

“O cançã foi uma explosão, uma forma desenfreada de culminar a crescente liberalidade dos bailes de salão, levando-os a uma exaltação próxima do grotesco.” (p.67)

As grandes companhias de ópera-balé faziam turnês percorrendo diversos países. Em 1826 chegam ao Brasil, em meio à presença dos artistas que vieram com a Missão Artística Francesa. A atuação constante de D. Pedro I, como incentivador das artes, leva-o a apoiar financeiramente novos espetáculos.

A Dança como forma artística, acompanhou o desenvolvimento social e cultural da humanidade, revelando-se nos seus vários segmentos: dança folclórica, acadêmica, religiosa; dança de salão e dança de rua.

Foi através da participação da sociedade, cantando e dançando, passando as suas tradições de geração para geração, que ainda hoje, nos é possível caracterizar as danças folclóricas, próprias de cada região ou país de origem. Originária das manifestações populares do homem do campo, a Dança significava uma forma de agradecimento festivo pela colheita realizada.

O Folclore Brasileiro possui na sua origem, a miscigenação de culturas trazidas de outros países; quando os portugueses aqui chegaram e tiveram contato com o elemento indígena, seus hábitos e costumes, a reação natural teria sido a mudança de hábitos pelos índios. Algumas tribos indígenas, porém, não se deixaram influenciar pelo homem branco e preservam até hoje seus costumes, crenças, danças, mantendo assim, a sua tradição.

A nossa preocupação não é descrever a história da dança, visto que, não é este o objetivo desta pesquisa, mas sim, através de uma revisão do seu histórico, estabelecer uma

visão retrospectiva que nos leve a compreender a intenção e tratamento dado, a essa linguagem no ensino oficial, que é sempre lembrada como parte “festiva”, e presente nas ocasiões “comemorativas”.

1.1 O surgimento da Dança Moderna

No século XX as companhias de dança, através dos seus espetáculos, começaram a ganhar espaço nos salões e teatros; as danças folclóricas continuaram sendo preservadas, e numa época repleta de transformações econômicas, sociais e políticas, vemos surgir a Dança Moderna.

Num século em busca de novas possibilidades expressivas, foi *Jean Georges Noverre* um professor de balé francês, destinado à carreira militar, “o primeiro a descobrir que tanto as antigas danças campestres como as diversões da realeza eram inadequadas para o homem dos centros industriais que estavam surgindo” (LABAN, 1990 p.11). Afastando-se das danças cortesãs de sua época, por volta de 1760, aboliu os antigos trajes, os vestidos e os enfeites que impediam os movimentos fluírem naturalmente, e criou o *Ballet d'action*⁶ deixando de lado as reverências e destacando as paixões humanas, nas palavras de Laban (1990 p.11)

Em 1760, Noverre publicou suas idéias através de “*Lettres sur la danse*” em que a dança deveria se inspirar na natureza, principalmente na natureza interior de quem a dançava, proporcionando prazer e significado, também ao executante e não à platéia. (FARO, 2004 p.37)

Comenta FARO (2004) que *Noverre* foi muito importante para desfazer a idéia que a época preconizava de espetáculos luxuosos para a corte; bajulando os políticos do momento, defendia que a nova arte chegasse às camadas desfavorecidas. Ele também se opunha ao costume vindo do teatro grego de usar máscaras nas interpretações cômicas e dramáticas, (p.38).

⁶ O *ballet d'action* (ballet de ação), gênero nascido graças ao surgimento de novas teorias estéticas de Jean-Georges Noverre, Gasparo Angiolini e outros, é o sucessor do *ballet de cour* (ballet de corte), que imperou até meados do século XVIII. CAMINADA, Eliana. História da dança: evolução cultural. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

Por Dança Moderna, assim entendemos, uma nova concepção de movimentos que se diferenciam daqueles até então utilizados, neste caso, as formas e técnicas do Ballet Clássico, buscando representar o homem, sua natureza e suas emoções subjetivas.

Com a intenção de expressar sentimentos e posições frente às novas transformações (ou tendências), a dança moderna trouxe movimentos mais livres, contrações e torções, onde os bailarinos dançam descalços, sem o excesso de tecidos nos vestidos da época.

“Comparada com as relíquias das danças folclóricas medievais e com as formas de movimento da época das monarquias absolutistas, a “dança moderna” é mais rica e mais livre em seus gestos e em seus passos. Uma segunda característica notável da arte contemporânea do movimento é a relação entre as novas formas de expressão da dança e os hábitos de movimento do homem moderno. Essa época foi denominada, a era da revolução industrial, e seria permitido chamar “dança moderna” à expressão do movimento do homem industrial”. (LABAN,1990 p.11)

Algumas características são relevantes, quando comparamos, as danças folclóricas da época das monarquias absolutistas com a dança moderna, visto que, esta última possui movimentos mais livres e grande relação com a vida e os hábitos do homem moderno, principalmente, pelo seu aparecimento durante a Revolução Industrial.

Fahlbusch (1990) relata que François Delsarte foi um pesquisador francês cujos princípios científicos influenciaram a evolução da expressão corporal, aliando o conhecimento da linguagem do corpo com a linguagem da alma. Concluiu que existem “*relações entre os movimentos espirituais e os movimentos psíquicos, entre o espírito e o corpo, entre o pensamento e o gesto*” considerando ainda, que o tronco é o centro vital do fluxo de movimentos (p.31). Conhecido como teórico do gesto, seus estudos muito contribuíram para posteriormente serem solidificados por outros personagens importantes como Isadora Duncan. Em seus estudos Delsarte buscava uma forma de valorizar o ser humano, individual como ele é, despertando a aceitação de seu corpo e suas limitações.

De acordo com Fahlbusch (1990):

“Através da observação do ser humano sobre todos os aspectos, e do exame escrupuloso dos movimentos de cada um em sua atividade particular, [Delsarte] pode fazer um registro completo de estudos, analisar as condições de existência próprias de cada indivíduo, e estabelecer uma classificação

minuciosa que lhe permitiu definir as leis da expressão corporal.”⁷ (p.31)

Conforme Faro (2004), Isadora Duncan foi uma das precursoras da Dança Moderna. Sua proposta era uma dança livre, “*deixando-se influenciar principalmente pela Grécia e pela arte grega, dançava quase sempre com uma túnica esvoaçante, e foi a primeira bailarina ocidental a dançar de pés no chão e a aparecer no palco sem malhas*” (p.81)

A bailarina [Isadora Duncan] tentou demonstrar em seus estudos, que o movimento humano possuía sentido, valorizando a idéia de alma, uma vez que naquela época, a ciência procurava explicar tudo com base no racionalismo. Revolucionou ao dançar músicas de grandes compositores como Beethoven, Chopin e Brahms, que até então eram privilégio das óperas, concertos e recitais.

Laban (1990) relata a importante contribuição de Isadora para o avanço da dança moderna:

“Ao liberar o corpo do bailarino do excesso de roupa que impede o fluxo do movimento, Isadora Duncan contribuiu consideravelmente para a tendência do homem moderno de superar a sua timidez, manifestada ao ocultar o corpo”. (p.13)

Outro estudioso do movimento foi Rudolf Von Laban, que iniciou sua carreira como arquiteto, foi bailarino, coreógrafo, teórico da dança e educador, possuindo um

“... enorme desejo de explorar os segredos do esforço físico e mental, desenvolveu grandes e profundos estudos, investigações e experimentações, dos quais resultou a teoria de que o comportamento próprio a cada ser depende essencialmente de seu envolvimento com outros indivíduos e com elementos que participam de seu destino”. (FAHLBUSCH,1990 p. 34)

Desenvolveu um sistema de notação em Dança, conhecido como *Labanotation*, que foi publicado em 1928, e é reconhecido no mundo inteiro, sendo utilizado em diversas áreas da Ciência e da Arte. Foi utilizado até mesmo para reconhecer traços da personalidade através da observação de movimentos. (FAHLBUSCH,1990)

Para Laban, a escola deveria cultivar os movimentos naturais de expressão das crianças, conscientizando-as e desenvolvendo a expressão criativa, mantendo a espontaneidade do movimento na vida adulta (STRAZZACAPPA e MORANDI, 2006 p.80).

⁷ As “leis de expressão corporal” se referem às combinações de tensão e relaxamento com a emoção do ser humano.

Mary Wigman iniciou trabalhando com Laban, depois seguiu seu próprio caminho especificamente com estudos sobre dança-teatro em que se aprofundou muito mais do que Laban. Com sua linguagem expressionista, antes de compor suas coreografias fazia exercícios de improvisação com os alunos até encontrarem o movimento mais adequado. (FARO, 2004)

A Dança moderna na Europa Central, teve como precursores Rudolf Laban, Isadora Duncan e seguidores. Com Isadora na Europa e Ruth St. Denis nos Estados Unidos, ambas se tornaram as precursoras da dança livre no século XX, que mais tarde viria a se chamar “Dança Moderna”. (FAHLBUSCH, 1990 p.54)

Ruth St. Denis se associou a Ted Shawn, fundando o *Denishawn*, Instituto de Dança, um dos melhores formadores de dançarinos e coreógrafos nos Estados Unidos nas décadas de 1920 a 1930. (FAHLBUSCH, 1990 p.54)

Uma segunda geração surgiu com os alunos desta instituição: Martha Graham, Doris Humphrey, José Limon, antigos alunos de Denishawn, que elaboraram seus próprios sistemas de movimento. O princípio do equilíbrio corporal que Doris Humphrey estabeleceu através de seus estudos, nos mostra que cada movimento implica em uma queda e a resistência a essa queda possibilita “*os automatismos que imprimem intensidade ao movimento de cair, de levantar, e de restabelecer o caráter de execução.*” (FAHLBUSCH, 1990 p.42)

Conforme afirma Faro (2004), Martha Graham, uma das principais construtoras da Dança Moderna, fundou sua própria escola *Martha Graham School of Contemporary Dance*, em 1927 defendendo a relação entre a respiração e o movimento, além de usar muito o corpo em contato com o chão. Através da própria técnica, denominada *Método Graham*, rompeu com algumas regras convencionais da dança do século XIX, acreditando que os movimentos das pessoas revelariam a sua própria personalidade, a exemplo das suas criações coreográficas reveladoras da sua personalidade, que serviram como protesto às injustiças que afetavam sua época. (p.81)

Segundo Fahlbusch (1990), Kurt Joss apoiado nos princípios de Laban propôs a base do seu trabalho, na racionalidade dos conhecimentos teóricos e na expressividade do artista. Em 1927, ajudou na fundação do *Folkwang Schule*, também fundamentada nos estudos de Laban, que combinava música, dança e educação. (p.41)

A partir da década de 1950, indica Fahlbusch (1990) surgiram novas formas de movimento de expressão corporal, influenciadas pela terceira geração de seguidores de Laban,

que tocaram a sensibilidade do público pelas formas inéditas e meios eloqüentes, sem idéias políticas. (p.55)

Mercê Cunningham, ainda segundo Fahlbusch (1990), que estudou com Martha Graham, explorava os gestos do dia-a-dia em suas produções. Utilizava músicas eletrônicas e John Cage, foi para as suas obras, um dos melhores compositores. Em 1953, formou sua companhia *Mercê Cunningham Dance Company* percebendo que a dança não precisaria combinar a música, com o cenário e com a iluminação; em suas coreografias respeitava o tempo próprio de cada corpo para a execução dos movimentos e deslocamentos espaciais, usando também corpos “parados” no espaço. Tentando libertar a mente de certos padrões que influenciavam o pensamento da época, Cunningham criava suas coreografias aleatoriamente, sorteando a ordem para a realização da seqüência de movimentos e deslocamentos, possibilitando diversas composições coreográficas. (p. 48)

O mundo atravessava um período especialmente controverso; a sociedade estava em crise e o corpo era considerado um mero instrumento de trabalho e de expressão. Foi um período de protestos, conflitos econômicos, culturais, sociais e políticos, que resultaram numa nova postura artística, que se utilizou da música, da fala, da gestualidade corporal, como suporte para uma linguagem de contestação e irreverência. (MORANDI E STRAZZACAPPA,2006)

Muitos artistas deram suas contribuições para o surgimento da nova arte, a Dança Moderna. Estes trabalhos foram surgindo aos poucos, em meio a constantes mudanças e foram objeto de análise e aceitação por parte de estudiosos, enquanto que criticadas e recusadas por outros, que não se deixaram influenciar. Com muita insistência e perseverança, a Dança Moderna se enraizou a ponto de assistirmos à fundação de escolas conceituadas em vários países, formando gerações de profissionais que contribuíram para que fosse lecionada em academias, abrindo possibilidades de outras formas de dança, as quais se conhecem hoje.

No Brasil, durante o século XIX, muitas companhias francesas e italianas vieram aqui apresentar seus trabalhos, a exemplo da elite carioca, que vibrou com a companhia de *Diaghilev*. Com a decisão de fixar-se no Brasil, a solista Maria Oleneva traz uma decisiva colaboração para esse panorama artístico no País, fundando a escola de dança do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1927, surgindo assim, a partir dali a primeira geração de profissionais brasileiros, dando origem ao Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1936 (PORTINARI, 1989).

A Dança Moderna chega então ao Brasil, contrapondo-se aos luxuosos e virtuosos balés clássicos existentes, provocando inquietação tanto em bailarinos como no público, atraindo muitos adeptos e fortalecendo-se a cada dia. Somente em 1960, através de Maria Duschenes, as teorias de Laban chegaram ao Brasil sendo bastante utilizadas direta ou indiretamente, em várias áreas e currículos técnicos e universitários de formação de dança e teatro, mas ainda pouco divulgada pelas atuais gerações que estudam a dança. (MORANDI E STRAZZACAPPA,2006)

A dança moderna teve muita influência na educação, pois os conceitos e métodos que surgiram com os estudos do movimento feito por todos estes bailarinos já citados anteriormente foram relevantes para a formação do conteúdo em dança que é proposto para o desenvolvimento da dança nas escolas atualmente.

A partir dos dados bibliográficos apresentados neste capítulo, percebemos que o homem dançou em diversas épocas, em diversas formas e com objetivos diferentes. Na pré-história, tinha um caráter místico, sintonizado com espíritos e deuses, com a transformação do homem em ser civilizado, constituindo-se em sociedade, sua função passa a ser subjetiva, prevalecendo o prazer em movimentar-se. Desde a divisão das sociedades em classes sociais, a dança também ocupou seu lugar em cada uma delas, como forma de entretenimento ou profissão.

A dança com caráter religioso ainda existe atualmente em algumas crenças, e a dança como cultura também, pois em todas as civilizações encontramos danças e suas respectivas tradições que permanecem vivas após séculos, e que cada uma delas possui características próprias.

A dança como forma de arte continua em processo de transformações, cada artista cria conforme suas idéias, e muitos profissionais continuam realizando pesquisas sobre o movimento corporal, mostrando-nos que vários são os caminhos a seguir para desenvolver a dança no contexto escolar, cabendo somente ao profissional saber usá-los de forma coerente à realidade de cada um.

A descrição histórica da dança desde sua origem até hoje, nos faz refletir que muito mudou e muito ainda tem que ser mudado com relação à dança no contexto escolar.

Sintetizamos no próximo capítulo um breve histórico sobre como se encontrava a dança no contexto escolar desde os primeiros passos da educação brasileira.

2 - A Dança na Educação Brasileira

Este capítulo tem o intuito de apresentar um breve histórico sobre a Dança na Educação Brasileira, pois se faz necessário o conhecimento da mesma para o entendimento da situação em que se encontrava essa linguagem artística ao longo caminho de transformações do currículo escolar brasileiro.

Partimos das sociedades indígenas brasileiras, onde a dança desempenhava um papel importante, desenvolvendo a relação entre o homem e os deuses. A educação das crianças indígenas acontecia no dia-a-dia, qualquer adulto da tribo era responsável em passar os conhecimentos através de exemplo, como ressalta ZOTTI (2004), *“a educação nasce como um processo comunitário de ensinar e aprender, ligado às necessidades de cada grupo.”* (p. 14)

Assim explica a autora:

“Era comum as mães, avós, irmãs mais velhas se encarregarem da educação das meninas; e os pais, avós e guerreiros ensinavam os meninos através de jogos e brincadeiras. Muitas vezes a iniciativa partia dos próprios aprendizes.” (BRANDÃO,1981 p.19 apud ZOTTI, 2004 p.14)

A educação conforme era a realidade e suas necessidades, os professores eram os adultos, e os mais velhos considerados os mais experientes eram sempre consultados.

Quando os portugueses aqui chegaram tudo se modificou, desde a produção dos bens materiais, os valores, costumes e crenças, até a utilização da mão-de-obra indígena, usando a catequese, a educação institucionalizada, e principalmente, as armas de fogo, *“símbolo do poder e superioridade do colonizador”*. (ZOTTI, 2004 p.14)

A educação trazida pelos portugueses era baseada em princípios religiosos e citações sobre o canto e a dança encontrados nos trechos bíblicos, sendo usadas pelos Jesuítas como recursos para educar e catequizar os índios, principalmente, ao saberem que eles já se utilizavam de movimentos, gestos e cantos nas suas celebrações.

A educação do período colonial ficou assim dividida: uma educação que visava aos filhos dos colonos que iriam completar os estudos nas escolas européias, e a educação aplicada aos indígenas que visava ao ensino agrícola. O canto e a música faziam parte do currículo com o intuito de tornar a escola mais atraente para as crianças.

Segundo Zotti (2004):

“a educação jesuítica comandada pelo Padre Manuel da Nóbrega tinha um caráter democrático, pretendia estendê-la à

todos, porém não condizia com os interesses de Portugal, e logo após sua morte foram modificadas”.(p.16)

Mesmo com a saída dos jesuítas e a Reformas Pombalina⁸ a educação no Brasil tinha objetivos básicos para a formação da elite, com interesses econômicos do colonizador e com base no catolicismo (ZOTTI, 2004 p.30).

Em 1808, D. João VI, após a sua chegada no Brasil com a Família Real, criou a Academia Militar, Escolas, Bibliotecas, o Jardim Botânico, o Banco do Brasil, dentre outras instituições, destacando-se aqui a Imprensa Régia, divulgando e discutindo idéias e questões políticas.

Em 1888, a Abolição da Escravatura foi um marco importante no aspecto social, pois os negros libertos puderam contribuir para a história social brasileira, uma vez que começaram a ter acesso às atividades sociais no País. A necessidade do negro de se movimentar corporalmente através das suas danças era muito mais ritualística do que, uma exibição corpórea, pois, quando reproduzia os seus passos era sob forma de reza (oração), cultuando deuses. Como exemplo, podemos citar o Candomblé que até hoje, os participantes dançam e cantam durante o culto, invocando entidades para as quais existe uma coreografia específica.

Já na Segunda República (1930-1936) com a entrada do modelo capitalista no Brasil e com os vários investimentos na produção industrial, a educação serviria para a especialização da mão-de-obra e como requisito para o emprego. (ZOTTI,2004)

Devido à situação econômica do País, após a Abolição da Escravatura, com o crescimento do mercado interno e a substituição dos escravos por trabalhadores livres assalariados ou imigrantes, a educação ficou por muito tempo sem atenção. Valorizaram-se o ensino secundário e o ensino superior por se tratar da educação da elite (educação intelectual), sendo o ensino primário destinado à população trabalhadora (educação baseada em trabalhos manuais e agricultura) e ao proletariado, como treinamento de mão-de-obra.(ZOTTI,2004)

A prática da atividade física surgiu por questões relacionadas ao desenvolvimento das cidades - a preocupação higienista e o bem estar pessoal , ressaltando-se aqui, a influência militar, que tinha como objetivo o condicionamento físico, a resistência e a força para o serviço militar. Como a economia vigente tinha como meta a produção industrial, pretendia-se preparar o corpo do trabalhador para um maior rendimento no trabalho. (BRACHT, 1999 in Cedés 48)

⁸ Criação de aulas régias, autônomas, isoladas, uma não se articulava com as outras; criação de subsídio literário; imposto para ajudar na educação. Saiba mais a respeito em Zotti (2004).

Os higienistas, geralmente eram médicos, defendiam que através do movimento corporal poderiam educar as pessoas para terem um corpo saudável (necessidades sanitárias). Foi somente na passagem do século XIX para o XX que eles despertaram sobre a percepção do próprio corpo de maneira terapêutica, alertando as pessoas para a manifestação de sintomas diferentes, tentando buscar a cura imediatamente. (BRACHT, 1999 in Cedes 48)

Outra questão importante defendida na época era a educação moral, onde a preocupação já era a de controlar o corpo erotizado, através de normas e disciplinas que a prática física determinava (controle social).

Uma pesquisa realizada por Pacheco (1998) analisa alguns textos de revistas sobre a Educação Física no Brasil, com relação ao gênero feminino na década de 1930, e constata que *“o discurso higienista-eugenista recomendava a prática de atividades físicas para as mulheres contanto que houvesse uma adequação às suas especificidades biológicas.”* (p.47)

Em seus estudos, a autora relata que naquela época, o discurso era voltado à questão biológica da mulher, enfatizando o ser feminino emotivo e frágil, pois os exercícios violentos poderiam pôr em risco a saúde e comprometer a maternidade. Portanto, a ginástica feminina e a dança, que eram compostas por movimentos delicados, flexíveis e graciosos, seriam os mais adequados para a mulher. Com isso, esperava-se dos homens o inverso, competência, força e masculinidade, processo social este, que acabou separando os objetivos da Educação Física, enraizado até os dias atuais, marcando a diferença entre homens e mulheres, postulando o conceito biológico de que a mulher é mais frágil do que o homem, visão esta que se tornou cada vez mais sólida na nossa sociedade, preservando assim, as relações de poder e gênero. (PACHECO,1998)

A prática da atividade física na década de 1930, ainda segundo Pacheco (1998), *“... contribuía para imprimir, lentamente, a diferenciação entre os sexos, através do estudo em colégios separados, do aprendizado de conteúdos diferenciados e próprios a cada sexo [...]”* (p.50)

Em 1932, surge o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Até então, a educação estava sob o comando do Catolicismo e os defensores da escola novista surgiram dizendo que a educação deveria ser pública e para todos, e com a Constituição de 1934, pela primeira vez, a educação tornou-se direito de todos.

Neste contexto educacional, predominou nas escolas brasileiras, o individualismo, a disciplina, o devotamento, sendo que estas concepções foram sendo substituídas pelo *“espírito de competição”* buscando no exercício físico um prazer pessoal. A competição esportiva no

Brasil serviu como forte aliada para o país se desenvolver como potência. (COURTINE,1995 p.99 *apud* BRACHT,1999 in Cedes 48 p.75)

O mercado durante o Estado Novo continuou exigindo mão-de-obra especializada e a nova Constituição determinou então, o Ensino Profissional, propondo que a arte, a ciência, e o ensino fossem de iniciativas pessoais e/ou particulares.

Segundo Romanelli (1999), com a reforma da Nova Constituição em 1937, estabelecendo que a educação intelectual fosse para as classes mais favorecidas e o trabalho manual para classes menos favorecidas, e a promulgação da “lei orgânica do ensino”⁹ (Decreto Lei 8.529, de 02 de janeiro de 1946) estabeleceu o seguinte currículo para o curso primário elementar:

- I- Leitura e Linguagem oral e escrita
- II- Iniciação à Matemática
- III- Geografia e História do Brasil
- IV- Conhecimentos Gerais aplicados à vida social, à educação para a saúde e ao trabalho
- V- Desenho e trabalhos manuais
- VI -Canto Orfeônico
- VII -Educação Física

Portanto, constava no currículo do Ensino Primário – Desenho e trabalhos manuais – com o objetivo de instruir os meninos para a formação industrial, e as meninas para as tarefas artesanais e domésticas, - Canto Orfeônico – para ensinar os hinos pátrios incentivando as crianças ao civismo, - Educação Física – que através da ginástica, buscava a aptidão física e a disciplina do cidadão.

Conforme explica Strazzacappa e Morandi (2006):

“Os preceitos científicos da ginástica, por seu caráter higiênico e moral, condiziam mais com o pensamento da época, que preconizava a chamada estética da retidão. A dança clássica é a que mais se aproximava dessa estética, pelo caráter disciplinar e controlado de seus gestos, porém o seu caráter virtuoso e voltado para o espetáculo, não se adequava ao âmbito escolar. (p.79)

A Educação Física era fortalecida por conceitos científicos, com objetivos utilitários para o corpo, e não admitia que os movimentos corporais pudessem se voltar ao entretenimento; a dança e a música nas aulas serviam apenas como forma de descontração.

⁹ Segundo Romanelli (1999 p.154) foram reformas no ensino primário e secundário decretadas entre os anos 1942 e 1946.

Assim, a Educação Física no currículo escolar tinha como objetivo: instruir os alunos para a higiene corporal e reforçar a idéia de que exercícios físicos supostamente ajudariam a manter a saúde, uma vez que era necessário impor de alguma forma a ordem, a disciplina, a obediência, e que a Educação Física por meio de um método militar impositivo, poderia ser uma saída para a formação de uma nova sociedade.

A nossa primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 1961, se deu a partir de um longo trabalho, feito por educadores de diferentes tendências que previam: “educação – direito de todos”, pelo menos na formalidade, segundo Romanelli (1999), pois a visão política da época era limitada com relação à educação do país. (p.183)

Foi durante o período do Golpe Militar de 1964, que muitos eventos aconteceram, exigindo novas adequações à legislação educacional, buscando ajustes no ensino superior, que veio a ser reformado pela Lei nº 5.692/71, de 11 de agosto de 1971, alterando inclusive a denominação para Ensino de Primeiro e de Segundo Graus, sendo que o ensino de primeiro grau fica destinado à *“formação da criança e do pré-adolescente na faixa etária dos 7 aos 14 anos, com duração de 8 anos; e o ensino de segundo grau com duração de 3 ou 4 anos, para a formação do adolescente”*. (ROMANELLI, 1999)

Com relação à organização curricular do ensino de primeiro e segundo graus, na Lei 5692/71 em seu artigo 7º, fica obrigatória a inclusão das matérias: Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde, comenta Romanelli. (1999 p. 240)

Segundo Saviani (2006):

“Assim, a situação educacional configurada a partir das reformas instituídas pela ditadura militar logo se tornou alvo da crítica dos educadores, que crescentemente se organizavam em associações de diferentes tipos, processo esse que se iniciou em meados da década de 1970 e se intensificou ao longo dos anos de 1980”. (p.45)

Com o fim do Regime Militar e a instalação de um governo civil (a chamada Nova República), novas necessidades iriam de encontro a uma situação de mudança, que constituiria o pensamento e o estudo relevante que deu origem ao processo de elaboração da nova LDB, em dezembro de 1988, com a colaboração definitiva de Darcy Ribeiro, e aprovada em dezembro de 1996, sob Lei nº 9.394/96. Nela já se faz menção sobre a importância do ensino de Arte (nova nomenclatura) e não mais Educação Artística, como na Lei 5692/71, e que veio encontrar nos Parâmetros Curriculares Nacionais a indicação das diferentes formas de trabalhar a Arte através das quatro linguagens: Artes Visuais, Música, Teatro e DANÇA.

Buscando neste retrospecto, um parâmetro no ensino da Arte no Brasil, percebemos que desde o final do século XIX, a educação através da Arte esteve voltada para o ensino do Desenho, sempre pensando numa melhor forma de educação para o trabalho. Portanto, a dança não condizia com as necessidades da época, ficando somente como diversão para a classe dominante. (STRAZZACAPPA e MORANDI, 2006)

“No momento de crise do sistema agrário comercial, início da expansão e do desenvolvimento industrial, em que a capacidade de trabalho técnico/rendimento individual era importante, a disciplina de ginástica, na educação física, e a de desenho, em artes, colaboravam para a então política de crescimento do Brasil.” (p.79)

Na Música, a influência política foi no sentido de preservação do sentido patriótico, do nacionalismo, fato este que coincide com o Movimento Modernista, nas décadas de 1920/30, no qual Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Heitor Villa-Lobos, defendiam o ensino de músicas folclóricas como conhecimento e preservação das nossas raízes culturais, bem como, os hinos pátrios nas escolas oficiais e na abertura de solenidades festivas com grande público, como prática nacionalista. (STRAZZACAPPA e MORANDI, 2006)

Numa época onde precisavam controlar socialmente o povo, era inconveniente uma educação baseada em propostas através do movimento, razão, emoção e expressão dos sentimentos.

Foi neste contexto, onde a Dança era assistida por uma minoria privilegiada e dentro das escolas era ensinado o Desenho e a Ginástica, pois formavam mão-de-obra profissional e cidadãos trabalhadores, é que surge, paralelamente, na Europa, a Dança Moderna, chamando a atenção do resto do mundo, inclusive do Brasil.

Assim mesmo, a nova linguagem do corpo, baseada em movimentos livres, começa a interessar aos professores de Educação Física, a ponto de introduzi-la, sutilmente, nas oportunidades de apresentação festiva.

Por muito tempo a Dança ficou à mercê da Educação Física nas atividades escolares, não diferentemente do que ainda é hoje, através das datas comemorativas e das brincadeiras cantadas.

Foi somente por volta de 1940, que os escritos de Laban, sobre o movimento corporal e expressivo e que propõe conteúdos específicos para a dança, chegaram ao Brasil através de Maria Duschenes (ao que já nos referimos no capítulo anterior). Data de 1950, a primeira faculdade de Dança no Brasil com a Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia.

Quando a Dança Moderna chegou ao Brasil entre 1960 e 1970, comenta Daniela Reis (2005), vinda do exterior através de renomados artistas que fugiram da 2ª Guerra Mundial, trazia uma série de novas idéias e contestações estético-corporais, além de uma discussão sobre o que seria “*nacional*” na dança brasileira.

A música, o cinema, a literatura e as produções teatrais, serviam de escudo para demonstrar as inquietações na área política e cultural, pelas quais o país passava, e em meio á perseguição da censura, a dança aparece driblando a censura mesmo nas suas coreografias, cuja temática social fazia parte daquele momento, abrindo espaço para questionamentos políticos.

A partir de então, várias companhias de dança foram fundadas e algumas ainda permanecem ativas, como o Balé da Cidade de São Paulo, fundado em 1968, seguindo os padrões técnicos do balé clássico, mas sendo influenciado pela dança moderna a ponto de tornar-se uma Companhia Contemporânea, desde 1974.

Em 1971, surge o *Ballet Stagium*, que em suas coreografias mesclava a dança clássica com a popular, mostrando a realidade nacional por meio da representação do índio, do sertanejo, do folclore, da religião, e da política.

Infelizmente, todas as companhias de dança passaram por dificuldades financeiras e falta de apoio durante a sua existência; muitas não sobreviveram, outras continuam lutando pela sua existência e propagação do ideal da dança e dos benefícios por ela trazidos à formação do homem e da cultura do seu povo.

E assim a dança foi se desenvolvendo, despertando nos profissionais da educação a consciência de seus benefícios para o corpo e para a mente, buscando através das danças folclóricas, enriquecer o vocabulário dos alunos por meio da cultura de cada região.

Mesmo assim, reflete Morandi (2006) continuou o enfoque nas artes visuais, por ser uma área desenvolvida na escola desde o início da educação, e também por não precisar de espaço apropriado para as aulas, por exemplo, deslocamento de carteiras e piso adequado para atividades no chão. (MORANDI E STRAZZACAPPA, 2006)

Por volta de 1980, a mídia promoveu um crescimento da dança através das músicas coreografadas pelos artistas, chamando a atenção de crianças, jovens e adultos, pelo prazer e beleza corporal evidenciadas pelos movimentos sensuais que contagiavam os telespectadores, e assim, grande parte da população “copiava” os passos desses grupos musicais em suas casas, festas e conseqüentemente, nas escolas. (Menudo-Xuxa-Tchan)

Professores mal informados aproveitavam o sucesso e “colocavam” a música para as crianças em suas aulas, sem nenhuma informação sobre como transformar o sucesso popular

numa atividade escolar, o que ainda hoje, muitos ainda acreditam ser a melhor forma de “entretenimento” (entenda-se por isso aula de Artes), em sala de aula.

Duas décadas se passaram (1980 a 2000) e a dança ficou sem lugar próprio, e ao mesmo tempo em vários lugares na educação escolar. Alguns diziam que a tarefa era para o profissional da Educação Física, por ser atividade física relacionada ao corpo e ao movimento; outros acreditavam ser na “Arte”, expressão artística através do corpo, portanto, o profissional da Educação Artística é quem deveria aplicá-la nas escolas. E assim um profissional deixava a tarefa para o outro e foi ficando esquecida ou relegada àquele que dominasse melhor esse conhecimento, e quando chegavam as comemorações escolares então, a dança, como apresentação, era a opção escolhida.

Vejamos o que nos diz Marques (2001):

“Geralmente é o diretor da escola que exige do professor uma “dança” que seja apresentável para a conclusão dos cursos: um resultado muitas vezes sem processo, pois a dança acaba sendo, em vez de disciplina escolar, “festinhas”. O professor, desamparado, e muitas vezes altamente despreparado, exige dos alunos que reproduzam, copie e siga aquilo que arduamente criou ao assumir suas funções impostas de diretor-coreógrafo: coelhinhos de páscoa, caipiras juninos, índios folclóricos, flores da primavera, presentes e árvores de natal, baianinhas e piratas de carnaval dançam, assim, suas “coreografias” para agradar pais e professores, diretores de escola e supervisores de ensino.”(p.107)

A Educação Física buscou as atividades de dança para inserir no currículo, uma vez, que ela se utiliza do movimento corporal e é uma disciplina desportiva, visando jogos de competição. Pelo fato da maioria destes profissionais serem do sexo masculino, e ainda reinar um certo preconceito, as atividades com dança e expressão corporal ficaram à desejar em muitas escolas. Prevalecendo o caráter utilitarista dos movimentos corporais coreografados, baseados na ciência, conforme explica Morandi (2006), “a ginástica não tinha o caráter de diversão e entretenimento”. (MORANDI E STRAZZACAPPA, 2006)

Sborquia (2002) em sua recente pesquisa de Mestrado, também observou que na graduação em Educação Física a disciplina relacionada com a dança, normalmente, é a Ginástica Rítmica ou Dança, e está relacionada às “atividades rítmicas”, ou seja “atividade física” onde se desenvolve a coordenação motora, concentração, lateralidade, noções de espaço e ritmo, além da dança como manifestação cultural da humanidade, enfatizando a necessidade de se resgatar as danças folclóricas tradicionais.

Após longos anos sem saber aonde a dança se encaixaria melhor, surge a possibilidade com o ensino de Arte, previsto na LDB 9394/96, que permite ao professor formado em Educação Artística ensinar a linguagem Dança, nas escolas. Os cursos de graduação em Educação Artística ou Artes, atualmente, proporcionam conhecimento em Dança para os formandos, mas e os professores já formados? Alguns são autodidatas e passam aos alunos suas experiências vividas, outros, buscam “coreografias prontas” para dizer que trabalham com a dança em suas aulas, e outros chegam até a pagar para profissionais especializados em dança para ensinar seus alunos, e tem ainda aqueles, que ignoram a importância de desenvolver a dança nas escolas, dizendo não ser necessário, como observamos durante a nossa pesquisa.

Os profissionais de Educação Física buscaram o reconhecimento da disciplina, e conseguiram através o Confef (Conselho Federal de Educação Física), que atua fiscalizando a qualidade dos serviços prestados pelos educadores físicos. Na área de dança, ainda se discute quem deve fiscalizá-la, pois, seus conteúdos aparecem como forma de conhecimento nos PCNs de Educação Física e de Artes.

Para os PCNs (Brasil,1997), da área de Educação Física, o trabalho com a dança é nomeado como “atividades rítmicas e expressivas”:

“Por meio das danças e brincadeiras os alunos poderão conhecer as qualidades do movimento expressivo como leve/pesado, forte/fraco, rápido/lento, fluido/interrompido. Podem perceber sua intensidade, duração, direção e analisá-lo a partir destes referenciais. (p.53)

Percebemos que os objetivos da Dança na área de Educação Física, assim como menciona o documento nacional “atividades rítmicas e expressivas, é entendido como “aptidão física”, por estar relacionado ao ritmo, ou seja, danças, mímicas e brincadeiras cantadas.

Além da diferença na nomenclatura dessa atividade, menciona também, que o professor deve complementar seus conhecimentos com os PCNs relativo à Arte.

Vejamos o que diz o documento, PCNs (Brasil,1997) Educação Física:

“O enfoque aqui priorizado é complementar ao utilizado pelo bloco “Dança”, que faz parte do documento de Arte. O professor encontrará, naquele documento, mais subsídios para desenvolver um trabalho de dança, no que tange aos aspectos criativos e à concepção da dança como linguagem artística.” (p.51)

A proposta para o ensino de dança nas escolas através das aulas de Arte vai além de ser somente uma atividade física, o movimento corporal é considerado “obra de arte”, o corpo em movimento cria e constrói a cada momento uma nova escultura corporal, passando pelo sentimento, pela expressão humana, revelando que cada um é um artista com seu próprio corpo.

Os PCNs (Brasil,1997) para o ensino de Arte orienta em seu texto:

“Deve estimular a pesquisa consciente a fim de ampliar o repertório gestual, capacitar o corpo para o movimento, dar sentido e organização às suas potencialidades. Deve estimular o aluno a reconhecer ritmos - corporais e externos - explorar o espaço, inventar seqüências de movimento, explorar sua imaginação, desenvolver seu sentido de forma e linha e se relacionar com os outros alunos buscando dar forma e sentido às suas pesquisas de movimento. Esses são elementos básicos para introduzir o aluno na linguagem da dança.” (Arte,p 68)

Trabalhar com a expressão corporal na infância, com atividades corporais lúdicas, estimula a expressividade adulta. A expressão corporal está presente no ser humano desde os seus primeiros anos de vida, e por isso devemos dar continuidade sempre, estimulando essa criança até a idade adulta.

Os PCNs para Artes (Brasil,1998) colocam que:

“Como qualquer outra manifestação artística, a dança é forma de conhecimento que envolve a intuição, a emoção, a imaginação e a capacidade de comunicação, assim como o uso da memória, da interpretação, da análise, da síntese e da avaliação crítica”. (p.74)

É nesse sentido que a dança na escola possibilita desenvolver este trabalho ajudando fortalecimento pessoal do aluno, obter confiança em si mesmo, desenvolver autonomia (o que ele é capaz de realizar sozinho), superar seus medos, (vergonha, timidez), enfatizando a sua capacidade e liberdade de expressão e criação através do movimento, tornando-se um adulto mais firme na comunicação das suas decisões e objetivos.

Segundo os PCNs-Arte (Brasil, 1997):

“A atividade de dança na escola pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim, poderá usá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade.” (p.67)

Desta forma, entendemos, na diferença entre os textos, a interpretação do conceito de dança sobre o aspecto corpo, como força (aptidão física) para Educação Física e emoção (aptidão artística), para Artes.

Muitas reformas educacionais ocorreram na educação brasileira como vimos no decorrer deste capítulo, e a situação da dança no contexto escolar sempre esteve escondida no currículo de Educação Física e mais recentemente, no de Educação Artística (Artes).

A dança na escola possui conhecimentos específicos, uma vez que muitos profissionais da área comprovam cientificamente através de pesquisas, que podemos alcançar grandes conquistas e resultados, desenvolvendo a dança no contexto escolar.

PCNs (Brasil,1997) para Arte:

“Esses conhecimentos devem ser articulados com a percepção do espaço, peso e tempo. A dança é uma forma de integração e expressão tanto individual quanto coletiva, em que o aluno exercita a atenção, a percepção, a colaboração e a solidariedade.” (p.68)

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais encontramos referências aos professores no que diz respeito à criar interpretar e apreciar arte. Porém, principalmente na linguagem artística dança, são raras as publicações voltadas para a dança no contexto escolar. Por isso, cabe ao professor um estudo mais aprofundado na área, conforme explica Morandi. (MORANDI E STRAZZACAPPA, 2006)

A importância desse conjunto de orientações, contidas nos PCNs, tanto de Artes quanto, de Educação Física, atualmente estão em perfeita consonância dados aos novos projetos da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, no qual, unindo ambos os campos de saber destaca em cada um, os pontos de convergência de conhecimentos vistos por vias diferentes. Entendemos que, levados à sério no ensino de primeira a quinta séries, pode ser saudável a união de ambos para uma melhor compreensão do conteúdo pela criança, valorizando a sua formação e fazendo de forma, que o próprio professor envolvido procure se atualizar, participar, discutir o material recebido para, na prática poder perceber a riqueza da construção do sujeito escolar não mais pela especificidade, mas, pelo trabalho em parceria, pois, ao mesmo tempo, por exemplo, em que trata das formas geométricas, do círculo e do quadrado, explora os conceitos de linha, circularidade, lateralidade e equilíbrio, propiciando assim o conhecimento integrado e permitindo ao final, a inclusão da música no momento da coreografia, de forma lúdica, poderá ser utilizada como ilustração e finalização da aula de forma alegre, e não mais, puro preenchimento de atividades por falta de conteúdo como nos exemplos citados no decorrer desta pesquisa.

3 - METODOLOGIA

3.1. Tipo de Pesquisa

Estabelecemos como metodologia de pesquisa, uma abordagem qualitativa, por ser um tipo de pesquisa que usa a palavra como material a ser investigado, por trabalhar com dados subjetivos, buscando analisar as concepções dos alunos com relação à temática dança na escola, e assim seus significados, suas opiniões e seus pensamentos sobre o assunto.

Para a Bardin (1977), a análise qualitativa é “um procedimento mais intuitivo”, utilizando-se de deduções a respeito dos dados fornecidos, e uma de suas características “é o fato de a inferência – sempre que é realizada – ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc.), e não sobre a frequência de sua aparição, em cada comunicação individual”. (p.115).

3.2. Local e participantes da pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida em uma Instituição de Ensino Superior privada localizada no interior do estado de São Paulo. A Instituição possui 14 cursos de Graduação, além de 16 cursos de Pós-Graduação.

Na graduação o predomínio é de alunos em curso noturno, que trabalham durante o dia, e que em sua maioria, precisam do emprego como forma de custeio da sua formação superior. São alunos com baixa renda, além de bolsistas PROUNI e demais modalidades.

O motivo da escolha dos alunos pesquisados deve-se ao fato da pesquisadora atuar como docente nesta disciplina e o acesso facilitado possibilitaram a interação direta com os alunos envolvidos. Neste sentido, a pesquisadora é favorecida pela condição da docência no qual foi possível examinar e compreender melhor as ações, as interpretações e todos os aspectos relacionados à situação onde estava ocorrendo a investigação.

3.3. Procedimentos de coleta

A coleta de dados deu-se no início e no final do período letivo, durante as aulas da disciplina Artes Cênicas I, especificamente na linguagem Dança.

A pesquisa foi realizada por meio de questionário aplicado ao aluno graduando em Educação Artística, em duas fases: uma antes e outra após cursarem a disciplina de Dança.

Na aplicação do primeiro questionário em 30/07/2007, provavelmente por ser o primeiro dia do semestre letivo apenas 29 alunos, de um total de 50, estavam presentes à aula

e responderam à sete (7) questões iniciais (Anexo 1). No questionário final que foi aplicado no dia 26/11/2007, todos estavam presentes, portanto 50 alunos responderam a sete (7) questões finais (Anexo 2). Os alunos foram informados sobre os objetivos da pesquisa e concordaram em contribuir com a pesquisadora.

Assim, a etapa de exploração do material foi realizada com base nas respostas dos alunos, permitindo a elaboração de unidades de registro, e posteriormente, a sua categorização.

3.4. Procedimento de análise

Através das respostas aos questionários, buscamos interpretar (analisar) o significado que esses futuros professores atribuem à dança na escola, e se houve alguma modificação em sua maneira de pensar após vivenciarem os conteúdos apresentados na disciplina.

Utilizamos as considerações de Laurence Bardin (1977) sobre análise de conteúdo como referencial para a análise qualitativa dos resultados.

A análise de conteúdo é usada quando se quer ir além dos significados, pode ser aplicada a entrevistas estruturadas ou semi-estruturadas, a depoimentos gravados ou filmados, a textos, desenhos, pinturas e até mesmo em comunicações através de gestos e expressões.

Conforme cita Bardin (1977), a análise de conteúdo é:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (p.42).

Uma das características deste método é que não existe um modelo pronto para a análise que se constrói durante o processo da pesquisa. Não podemos nos ater em procedimentos sistemáticos que possam ser previstos, conforme observamos na citação de Bardin (1977):

A análise de conteúdo é um método muito empírico, dependente do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objectivo. Não existe pronto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. (p.31).

Considerando que análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, buscamos extrair os pontos mais relevantes do material escolhido, evidenciando suas características, e categorizando-as.

Bardin (1977) explica que:

A partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias. A categorização tem como primeiro objectivo (da mesma maneira que a análise documental), fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. (p.119).

Bardin (1977) enfatiza ainda que, qualquer forma de comunicação que possui significações, é veiculada de um emissor (indivíduo ou grupo) a um receptor (indivíduo ou grupo), intencionalmente ou não, pode servir para ser interpretada pelas técnicas de análise de conteúdo. A comunicação é a mensagem, “o material, o ponto de partida”. (p.135)

O receptor, que pretende utilizar as análises de conteúdo para a interpretação dos dados deve estar atento, pois “o interesse não reside na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após serem tratados (por classificação, por exemplo) relativamente a outras coisas”, explica Bardin (1977, p. 38).

Cabe ao analista efetuar uma leitura desviando o olhar para “uma outra significação”, que está embutida na primeira leitura da comunicação, e que evidencia outros significados relativos “à natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc.” (BARDIN, 1977, p. 41).

Bardin (1977) cita as fases para a análise de conteúdo: “a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados; a inferência e a interpretação.” (p. 95).

A *pré-análise*, segundo Bardin (1977), se refere á escolha dos documentos para a análise, que sendo assim, além do levantamento bibliográfico necessário para a pesquisa, buscamos a formulação das hipóteses analisando o impacto que a prática da dança teve nos alunos que vivenciaram as dinâmicas, pois já era do nosso conhecimento, que pela primeira vez, as atividades de dança estavam sendo aplicadas nesse curso de Artes.

Os questionários foram os indicadores para fundamentar a interpretação final. Para a autora, a *exploração do material* se trata da organização, de forma sistemática, dos documentos a serem analisados, e o *tratamento dos resultados* significa, apresentar características do conteúdo, reduzindo os resultados brutos, por meio das unidades de registro, para em seguida categorizá-los.

Para o trabalho em questão, foram utilizadas como Unidades de Contexto, cada um dos depoimentos fornecidos pelos alunos pesquisados e, como Unidades de Registro as sentenças ou conjunto de sentenças significativas para a categorização.

Para Bardin (1977) a categorização dos dados consiste em

[...] uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o

gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. (p. 117).

Após a realização da coleta de dados, através das respostas ao questionário inicial, transcrevemos as respostas na íntegra, categorizando e apontando as unidades de registro em forma de tabela, a partir de um questionário entregue aos alunos, com 7 questões abertas, que foram respondidas e devolvidas à pesquisadora.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando-se que os objetivos da pesquisa consistem em analisar o significado que futuros professores de Educação Artística atribuem à dança na escola, e se houve alguma modificação em sua maneira de pensar após vivenciarem os conteúdos apresentados na disciplina Artes Cênicas é importante apresentar e discutir o Plano de Ensino da disciplina.

Em fevereiro de 2006, quando assumi a disciplina de Dança nesta Instituição, foi necessário elaborar o Plano de Ensino, e por ser uma iniciativa recente do programa, não houve anteriormente, o desenvolvimento da mesma com turmas anteriores.

A disciplina é oferecida no curso de Educação Artística como Artes Cênicas I, dividindo-se o seu conteúdo em Teatro e Dança em hora aula semanal de tempos iguais.

Os conteúdos práticos e teóricos foram aplicados durante o segundo semestre do ano de 2007, sendo 20 encontros de duas horas de duração, totalizando 40 horas. Utilizamos como estratégia de ensino, vivências corporais, dinâmicas de grupos, exploração de movimentos improvisados, voltados para a dança como forma de conhecimento.

Partimos da idéia de que qualquer movimento é dança, que qualquer pessoa pode se mover com ou sem som, e consideramos os movimentos uma dança, que não necessariamente tenha que ser memorizada ou sincronizada com outras pessoas.

Desenvolvemos o conteúdo da disciplina a partir dos estudos de Rudolf Laban (1990), que em suas pesquisas analisou o movimento humano desde o nascimento, e menciona que acordar, espreguiçar, sentar, levantar, ficar em pé, a criança leva aproximadamente um ano para realizar essas tarefas, e que durante a vida, até se tornar um adulto, continua repetindo tais etapas.

Para Laban (1990) a movimentação natural do ser humano, se dá a partir da percepção de certos elementos, do qual ele denominou de Fatores do Movimento: espaço, peso, tempo e fluência. (p.15)

Com relação aos fatores do movimento, Rengel (in Tozzi, 2004) explica que o ser humano possui uma forma de lidar com o espaço (fator espaço), possui um ritmo para falar ou para mover-se (fator tempo), possui também uma intensidade para pegar os objetos (fator peso) e um “jeito” para expressar todos esses fatores que é o fator fluência.

NOME DA DISCIPLINA: Artes Cênicas – 4h/a

EMENTA

Desenvolvimento de técnicas e métodos de criação em dança na sala de aula. Aprimoramento das potencialidades humanas, a fim de liberar a criatividade artística através do movimento.

Utilizar as técnicas de dança e promover discussões sobre conceitos da Arte da Dança na Educação, com intuito de oferecer instrumentação na aplicação didática e pedagógica em sala de aula.

OBJETIVOS

- Oferecer aos graduandos em Educação Artística, oportunidade de ampliarem os conhecimentos necessários relativos aos conteúdos de dança na escola, para serem aplicados em suas aulas;
- Oportunizar aos graduandos vivências práticas, como parte essencial no processo de aprendizagem;
- Proporcionar vivências através das quais eles possam compreender a aplicação do espaço, peso, tempo e fluência conforme o método Laban;
- Auxiliar na organização dos conteúdos, na elaboração de um ambiente pedagógico para a prática de ensino da dança na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio;
- Estimular debates e discussões sobre o ensino da dança na escola;
- Aplicar dinâmicas que permitam vivência, experimentação e criação do movimento, enquanto forma de expressão e comunicação humana;
- Apresentar e orientar os alunos nas funções técnicas para aplicações didáticas e pedagógicas da dança na sala de aula;
- Desbloquear tensões psicológicas que inibem a criação artística através do desenvolvimento de confiança mútua entre os elementos do grupo;
- Criação e montagem de coreografias;
- Seminários e discussões sobre a dança na Educação;
- Atividades de expressão: Relacionamento, Espontaneidade, Imaginação, Observação, Percepção, Leitura e Discussão de Texto;

ESTRATÉGIAS

Foram realizadas aulas práticas e expositivas, dança dirigida, dinâmicas de grupo e improvisação de movimentos.

No decorrer dessa experiência docente, em virtude desse método estruturar-se em momentos de aprendizagem, respeitando-se tanto o conhecimento trazido pelo aluno como sua capacidade de criação de movimentos, foram desenvolvidas diferentes possibilidades de ação corporal para que o graduando tivesse meios de levar seu aluno a vivenciar os mais variados movimentos que o corpo é capaz de realizar.

Desta forma, o conteúdo oferecido pela disciplina teve como objetivo proporcionar aos alunos graduandos a oportunidade de ampliar a sua vivência corporal, numa bibliografia sobre a história da dança, sua evolução, e nas propostas de Rudolf Laban através de seus estudos sobre a “*dança educativa*”. Foram realizados vários estudos através de textos sobre o ensino da dança nas escolas, baseado nos livros de Marques (2001 e 2003), Morandi e Strazzacappa (2006), Osson (1988), Faro (2004), Laban (1990) e nos PCNs Arte (1996), discutidos em grupos durante os encontros, proporcionando reflexões sobre o assunto.

AValiação

Os alunos foram avaliados com base nas aulas práticas e teóricas desenvolvidas em sala de aula, através de apresentação e discussão de textos e da participação nas dinâmicas propostas.

Assim, podemos analisar todos os estilos de danças através das qualidades do movimento proposto por Laban (1990). Observando os fatores do movimento de determinado estilo, podemos analisar se possui tempo métrico ou não métrico (se pode ser contado ou não), se usa o espaço direto ou flexível (se tem direção definida ou não), se seu peso é leve ou firme (movimentos suaves ou fortes), e finalizando, qual é o tipo de fluência (a expressão contida nos movimentos).

Quando conscientes desses fatores, há possibilidade de criar expressões corporais dentro de um contexto social que o aluno esteja inserido, através de movimentos naturais e verdadeiros, permitindo o conhecimento de si mesmo e do outro compartilhando seus modos de expressão que são individuais e que se completam na relação com o outro.

Conforme Laban (1990), o processo artístico desenvolvido nas escolas deve ser criativo em todos os aspectos:

[...]”o que se procura não é a perfeição ou a criação e execução de danças sensacionais, mas o efeito benéfico que a atividade criativa em dança tem sobre o aluno.” (p.18)

É neste sentido que Laban (1990) desenvolveu os Dezesesseis Temas de Movimento, que se refere à todas as idades, que podem ser trabalhados com outros temas conforme a necessidade do grupo, ampliando o vocabulário gestual de cada indivíduo. Para um maior aprofundamento no assunto, sugerimos Dança Educativa Moderna (Laban, 1990) e Domínio do Movimento (Laban, 1978) entre outros.

Num primeiro momento apresentamos em forma de exposição, a teoria de Laban. Em seguida, partimos para a parte prática, que foram as dinâmicas, do qual os alunos puderam vivenciar em seu próprio corpo as qualidades do movimento (espaço, peso, tempo e fluência), refletindo conscientemente sobre cada uma delas e seus significados.

Os exercícios propostos buscaram desenvolver habilidades naturais oferecendo oportunidade para criar seqüências de movimentos simples, interagindo um com o outro, através da expressão individual. A observação em dança fez parte da proposta no sentido de favorecer um olhar interpretativo sobre a análise do movimento de Laban, que proporciona um entendimento sobre o que deve ser observado no movimento humano. Na prática um grupo observava o outro, e ao final de cada aula, os alunos refletiam sobre as experiências vividas, e apontavam suas habilidades e dificuldades com relação aos fatores do movimento, e o olhar sobre a criação em dança dos colegas.

Num outro momento da disciplina, para situar os graduandos (futuros professores) participantes desta pesquisa sobre a realidade da dança nas escolas atualmente,

foi proposto pela disciplina uma investigação com professores de arte em exercício docente, na intenção de verificar se na prática desenvolvem a dança nas escolas. Foram entrevistados pelos alunos graduandos, alguns professores em algumas escolas municipais da região, com base num questionário com 8 questões (Anexo 3).

A seguir, apresentamos os resultados obtidos através do questionário inicial aplicado aos graduandos em Educação Artística antes de participarem da disciplina baseada nas propostas de Laban.

4.1 Questionário inicial (ANEXO 1)

A primeira entrevista com os graduandos se deu no primeiro dia de aula, onde solicitamos que respondessem o questionário inicial sobre o que pensam sobre a dança na escola.

Apresentamos os resultados através das tabelas, divididos em categorias, subcategorias e exemplos (N= nº de ocorrências), a fim de compreendermos as concepções que esses alunos possuem sobre a temática dança, antes de cursarem as aulas de dança na graduação.

Tabela 1 – Tema: Experiência anterior com a dança

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	EXEMPLOS	N
Experiência anterior com a dança	Nas baladas e nos Rodeios	<i>“O contato com a dança que tenho é a de <u>boate só</u>, pois na minha cidade não tem nenhuma escola de dança.” Aluno B</i>	19
	Somente na escola, músicas infantis e folclóricas	<i>“Em algumas <u>apresentações no primário, e em festas juninas, quadrilha, junto com o teatro.</u>” Aluno K</i>	7
	Freqüentaram na infância ou adolescência, aulas de Ballet Clássico e Jazz	<i>“Já tive aula de dança numa <u>academia</u>, danço em festas, boates, shows de rock e forró.” Aluno I</i>	6



Gráfico 1– Experiência anterior com a dança

Conforme os dados desta questão, observamos que 19 dos 29 alunos participantes responderam que somente na idade adulta tiveram contato com a dança, através das baladas noturnas e nas festas de rodeio. Somente 6 pessoas tiveram a oportunidade de cursar uma academia nas aulas de Ballet Clássico ou Jazz, conhecendo estas técnicas na infância. As demais pessoas, 7 conheceram a dança na escola através das músicas infantis e folclóricas. Vale ressaltar que dos 29 alunos que inicialmente participaram da pesquisa, 3 responderam em duas subcategorias : “baladas e rodeios” e também “somente na escola, músicas infantis e folclóricas”, por isso o gráfico aponta 32 citações.

Esta análise nos leva ao entendimento de que as *atitudes ou qualidades pessoais* dos pesquisados têm muita influência no que se refere à dança nas escolas na atualidade, a hipótese se confirma na quantidade de citações em que suas vivências corporais só se deram na idade adulta, conforme demonstra o quadro acima. Percebemos que há necessidade de ampliar o movimento corporal através da dança na idade adulta, quando começam a freqüentar festas noturnas se relacionando socialmente por meio delas.

Tabela 2 – Tema: Experiência Docente no ensino oficial

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	EXEMPLOS	<u>N</u>
Experiência Docente no ensino oficial	Sim		7
	Não		22

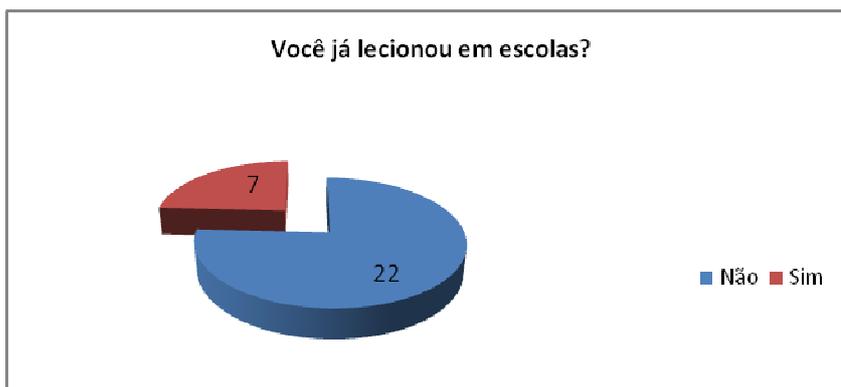


Gráfico 2- Experiência Docente no ensino oficial

A dança como parte do currículo na graduação em Educação Artística objetiva proporcionar entendimento sobre movimento corporal para que o graduando esteja apto a lecionar o conteúdo dança nas escolas de ensino fundamental. Por isso, a pesquisadora buscou através desta questão, um posicionamento sobre a experiência docente desses alunos ainda em formação superior.

Os resultados mostram 22 respostas negativas e 7 afirmativas, portanto 77% dos graduandos nunca lecionaram em escolas e somente 33% tiveram alguma experiência em sala de aula.

Dos 7 alunos que responderam já terem lecionado em escolas, 3 deles foram como efetivos e 4, são eventuais.

Tabela 3 – Tema: Pensamento sobre o que acham que os alunos das escolas “gostariam” de aprender.

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	EXEMPLOS	N
O que “gostariam” de aprender	Funk/Hip Hop/Dança de Rua/Axé	<i>“Eles gostariam de aprender a <u>dança do momento, como funk e hip hop.</u>” Aluno A</i>	8
	Os ritmos da moda/cotidiano/mídia	<i>“Gostariam de dançar, aprender a trabalhar com o corpo e o ritmo de dança que está na moda. Aluno C</i>	7
	Relaxamento/Expressão Corporal/Conhecimento de corpo	<i>“as crianças gostam muito das aulas práticas onde elas aprendem a movimentar e <u>conhecer o próprio corpo</u>”. Aluno H</i> <i>“Mais dinamismo, mais expressão corporal”. Aluno O</i>	4
	Não responderam		4
	Todos os ritmos	<i>“Aprender a dançar <u>todos os ritmos, de maneira completa...</u>” Aluno Q</i>	4
	Músicas infantis		1
	Ballet Clássico/Sapateado	<i>“As aulas de <u>balé e sapateado</u> são muito interessantes, além de estimular o pensamento ajuda a cuidar do corpo”. Aluno G</i>	1



Gráfico 3- O que “gostariam” de aprender

Nesta questão a intenção da pesquisadora foi compreender se os entrevistados possuem sensibilidade (ou visão) para analisar o que seus alunos “gostariam” de aprender nas aulas de dança nas escolas.

Ao observarmos as respostas, notamos que a maioria respondeu o que normalmente se vê na mídia, ou se ouve nas rádios, e com base nas citações: “*ritmos da moda/cotidiano/mídia*” e “*funk/hip hop/dança de rua/axé*”, percebemos que ambas significam a mesma idéia, pois funk/hip hop/dança de rua/axé, estão na mídia, no cotidiano, na moda. Por isso, atingem a maioria das citações obtendo 15 respostas praticamente iguais, isto é 45% dos entrevistados acreditam que seus alunos “gostariam de aprender esses ritmos nas escolas”.

Conforme observamos na tabela 3, dos demais entrevistados, 4 responderam que os alunos das escolas gostariam de aprender “Relaxamento/Expressão Corporal/Conhecimento de corpo”, outros 4 acreditam que gostariam de aprender “todos os ritmos”, apenas 1 disse ser “músicas infantis” e outro respondeu ser “Ballet Clássico/ Sapateado”.

Tabela 4 – Tema: Pensamento sobre o que acham que os alunos das escolas “deveriam” aprender.

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	EXEMPLOS	N
O que “deveriam” aprender	Todos os ritmos	“Um pouco de <u>todos os estilos</u> , e o que <u>significa a dança</u> , pois ela trabalha todo o corpo.” Aluno D	9
	Danças folclóricas	“deveriam aprender <u>as danças típicas</u> de cada região”. Aluno M	6
	Origem da dança e sua importância	“deveriam aprender <u>como surgiu a dança</u> , como foi desenvolvimento, e o que a dança nos trás de bom.” Aluno B	5
	Expressão corporal e conhecimento de corpo	“aprendendo que podem <u>expressar sentimentos e emoções através dela</u> .” Aluno J	4
	Não responderam		3
	Não tem idéia		2

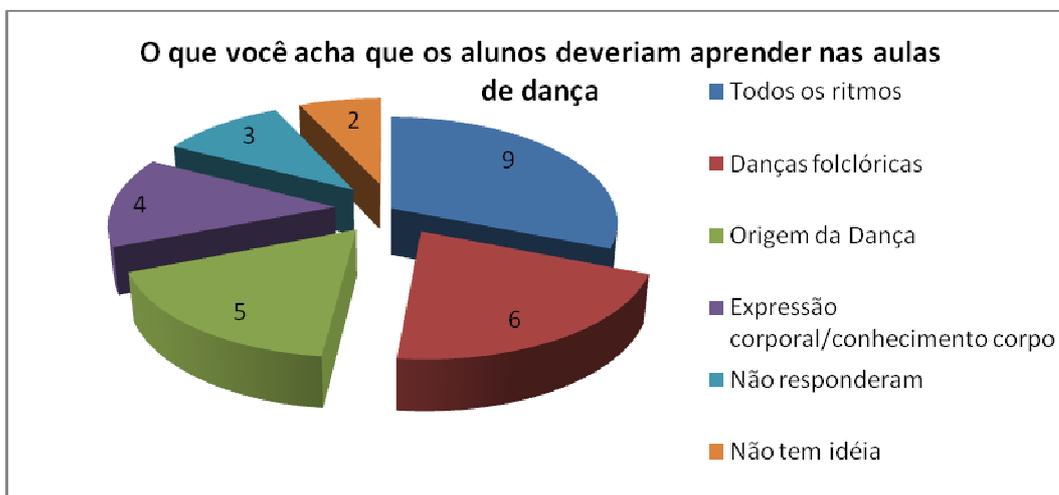


Gráfico 4- O que “deveriam” aprender

Na tentativa de buscar o pensamento do graduando sobre o que os alunos “deveriam aprender” nas escolas na aula de dança, observamos que 9 responderam “todos os ritmos”, e 6 citaram “danças folclóricas. Então somamos 15 respostas para “todos os ritmos”, pois as danças folclóricas também fazem parte de todos os ritmos.

No entanto, os que mencionaram “danças folclóricas” não incluíram os demais ritmos, o que nos leva a pensar que eles concebem como diferente dança folclórica de ritmo, ou seja, o ritmo dançado tradicionalmente numa região para eles é considerado somente em nível de expressão de cultura e não do movimento corporal através de um ritmo.

A maioria dos graduandos possui uma visão de dança no que diz respeito aos mais variados estilos de danças existentes, desde as danças folclóricas que já fizeram parte da vida deles durante a fase escolar, até os vários estilos acadêmicos. Não pensam em dança como conteúdo teórico, somente como prático.

“Origem da dança e sua importância” foi apontado por 5 alunos, e “Expressão corporal e conhecimento de corpo” foram 4 respostas, 3 não responderam e 2 disseram “não ter idéia”.

Portanto, a minoria pensa em dança no seu processo histórico e cultural, e como forma de expressão de sentimentos e conhecimento de seu próprio corpo.

Tabela 5 – Tema: Pensamento sobre a dança na escola atualmente.

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	EXEMPLOS	N
Sobre a Dança na escola atualmente	Pouco trabalhada	“Acredito que ela é <u>pouco trabalhada</u> , desenvolvida” Aluno D “Penso que <u>não é levada a sério</u> nem tampouco explorada”. Aluno F “estão sendo <u>pouco trabalhadas</u> , só em algumas datas comemorativas, deveria ser mais trabalhado em sala.” Aluno G	8
	Timidez	“Hoje está <u>difícil trabalhar com a dança</u> , porque alguns alunos são muito <u>tímidos</u> .” Aluno C	7
	Chamar a atenção dos alunos	“Fator principal a <u>chamar a atenção dos alunos</u> .” Aluno E	5
	Apresentação aos pais	“vejo que mesmo que as escolas tenham professoras específicas para a área da dança, os alunos só aprendem as danças típicas para <u>apresentações para os pais</u> , como a quadrilha para a festa junina.” Aluno J	5
	Falta conhecimento do professor	“A dança nas escolas hoje está muito pobre, o professor às vezes conhece as danças mas não sabe dançar, então se for uma tarefa muito difícil, <u>como ensinar se não sabe?</u> ” Aluno M	4



GRÁFICO 5 – Sobre a dança na escola atualmente

A dificuldade em se trabalhar com a dança nas escolas é visível para os graduandos antes mesmo de estarem no ambiente escolar, na posição de professor. Mencionam “o medo” e a “timidez” como empecilho para o desenvolvimento da dança e sabem que não é levada a sério, usando-a como atrativo para os alunos e para os pais nas comemorações escolares. Sentem que o próprio professor não tem experiência corporal que permita desenvolver a dança com seus alunos. E a falta de criatividade, contida na repetição de passos das

apresentações reflete, que a expressão corporal, a desinibição e a criatividade não são por ele trabalhadas, deixando a imagem da dança na escola, como produto final, e não como componente do processo educacional.

Percebem que a dança é desvalorizada no contexto escolar, e mesmo apontando a “inibição dos alunos” como dificuldades, mencionam ser uma forma de “chamar a atenção” deles, por ser descontraída, por saírem da posição sentada, por liberar as energias. E, essas características são relevantes para a desvalorização da área, uma vez que está embutido nelas fatores como: não tem conteúdo, serve somente para extravasar.

Tabela 6 – Tema: Expectativa com as aulas de dança na graduação

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	EXEMPLOS	N
Expectativa com as aulas de dança na graduação	Aprender a dançar	<p><i>“A <u>trabalhar com o corpo e aprender mais sobre a dança</u>” Aluno A</i></p> <p><i>“A importância da dança, <u>como desenvolver a dança, como trabalhar cada ritmo com os alunos</u>” Aluno D</i></p> <p><i>“<u>Aprender a s suas origens e parâmetros, e a ter desenvoltura.</u>” Aluno E</i></p> <p><i>“Espero pelo menos identificar os ritmos e passos peculiares de cada dança, e se <u>conseguir aprender dançar será ótimo!</u>” Aluno P</i></p>	18
	Explorar mais meu corpo	<p><i>“Todas as tendências desde as danças de rituais pré-histórico até a dança contemporânea e <u>aprender como expressar o ritmo de uma música em nosso próprio corpo.</u>” Aluno I</i></p> <p><i>“Gostaria de <u>explorar mais meu corpo</u>, pois sou muito parada, e às vezes nem gosto de dançar em público pois não sei me soltar.” Aluno K</i></p>	11



GRAFICO 6- Expectativa com as aulas de dança na graduação

Quando questionados sobre o que esperam das aulas na graduação, responderam o desejo de aprender dançar os passos de cada estilo, de identificar os ritmos, e explorar mais o corpo.

A expectativa do aluno para as aulas de dança na graduação descrita nas citações anteriores nos remete a observação de que os alunos “esperam” uma vivência corporal da qual eles não tiveram quando crianças, ou que não foi suficiente. Esperam aprender em um semestre, com poucas horas/aulas semanais, todo o conteúdo das danças folclóricas, aprenderem os mais variados ritmos de dança e conhecer as possibilidades de movimento que o corpo possui através da expressão corporal.

4.2. Questionário final (ANEXO 2)

A segunda fase da entrevista com os graduandos se deu no último dia de aula, após terem participado de todas as dinâmicas e discussões sobre a dança na escola.

Portanto, apresentamos nas tabelas a seguir, os resultados finais de nossa pesquisa.

Tabela 7 – Tema: Pensamento sobre a dança na escola após a disciplina proposta.

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	EXEMPLOS	N
Visão sobre a dança após a disciplina	Integração social/ desenvolvimento da criatividade/expressão dos sentimentos/perda da inibição	“...os alunos <u>desenvolvem a criatividade, exprimem seus sentimentos, além de ser muito prazeroso</u> ”. Aluno D “Sem dúvida muito importante, pois o aluno aprende a conviver com várias crianças, pessoas, <u>perde a sua inibição, trabalha com a concentração...</u> ”. Aluno C	22
	Fundamental/ Importante	“É muito importante por ser uma linguagem acessível a todos os alunos e em ótima forma de expressão.” Aluno D	11
	É pouco trabalhada nas escolas/ desvalorizada	“... No entanto <u>não é tratada com a devida atenção pelas escolas</u> , muitas não dispõem de aulas de dança para seus alunos”. Aluno N “A dança é pouco trabalhada nas escolas, e quando isso acontece, é mais nos dias comemorativos, com a coreografia tema voltado para esse dia”. Aluno H “A dança nas escolas, é uma atividade ainda hoje <u>um pouco desvalorizada</u> .”. Aluno Q	10
	A dança deveria fazer parte do currículo escolar	“ <u>Deveria ser inserida na grade escolar</u> , assim como qualquer outra disciplina só tem que acrescentar aos alunos”. Aluno A “É uma aula que deve ser bem ministrada que se exige um certo “jogo de cintura”. Mas <u>deveria sim ser incluída no currículo escolar</u> , já que desenvolve a capacidade de explorar o próprio corpo e seus movimentos além de melhorar o relacionamento e respeito entre os alunos”. Aluno R	6
	Cultural	“Se for ver bem não é só dança em si mas também <u>é a cultura de cada canto do Brasil reunido em todo lugar</u> pois querendo ou não dança também tem conteúdo e pode ser trabalhado melhor do que outras matérias”. Aluno T	1

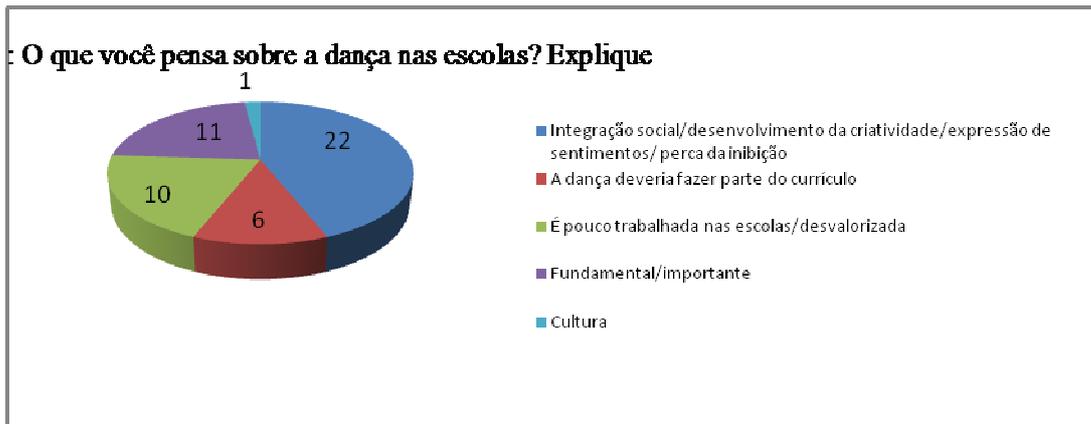


Gráfico 7- Visão sobre a dança após a disciplina

O pensamento dos alunos sobre a Dança no ensino oficial, após cursarem a disciplina na faculdade revela alguns pontos interessantes para nossa análise. A maioria enfatizaram a *“integração social”/“desenvolvimento da criatividade”/“expressão dos sentimentos”/“perda da inibição”*, citações que não foram dadas antes de cursarem a disciplina, no entanto, podemos afirmar que as dinâmicas apresentadas aos alunos modificaram seu pensamento anterior.

O desenvolvimento da criatividade através do movimento corporal foram propostas em grupo, para que um ajudasse o outro, respeitando as características individuais, assim os alunos foram vivenciando situações em que seus colegas apresentavam dificuldades com relação à timidez e até mesmo dificuldade em interagir com os colegas da sala, e assim foram superadas no decorrer das aulas.

Sendo assim, ao compararmos os pensamentos expressos no questionário inicial sobre o que *“pensam sobre a dança nas escolas”*, com as respostas do questionário final, percebemos que houve modificações a respeito. Os alunos após conhecerem a dança com o conteúdo específico têm outra visão da Dança na Escola; não mais como mera apresentação, mas sim, com propostas, planejamento e objetivo.

Percebemos o desejo de que a dança esteja presente no currículo escolar, fazendo parte das atividades propostas pela disciplina e pela escola, mas que tenha um objetivo durante o processo de desenvolvimento da dança, não apenas como produto final como acontece na maioria das escolas hoje.

Conforme Nanni (2002):

“É a relação sujeito-ambiente modificando suas reações mediante as limitações que esta exerce sobre o mesmo, ou seja, modificando suas atitudes de acordo com os limites que o meio impõe.” (p.87)

Assim como observamos nas citações: “poder de modificar o ser humano”/”trabalhar o social”/”maneira diferente e divertida de socialização e aprendizagem”, eles se referem à Dança como processo educacional, com objetivos específicos para a criança perceber sua função como cidadão, modificando suas atitudes perante os outros, relacionando-se adequadamente na sociedade, entendendo assim, que é uma maneira lúdica de socializar-se, aprender e discutir as várias formas do conhecimento.

Vejamos este comentário:

“Penso que ainda há um caminho longo a percorrer, em termo de dança nas escolas. A começar pela postura do professor de Educação Física e de Educação Artística. É preciso estar atento aos PCNs, à interdisciplinaridade, para que os alunos possam crescer e se desenvolverem com a dança”. Aluno M

O aluno M revela em sua fala, um grande impasse entre a Educação Física e a Educação Artística, seus objetivos e propostas, e pede a atenção para os PCNs, uma vez que este documento fornece instrumentos para os professores atuarem em todas as disciplinas escolares.

As propostas e objetivos são diferentes, entre Educação Física e Artes, como vimos no capítulo anterior, porém, deveria haver um consenso por parte dos professores ao ensinar o conteúdo dança nas escolas. Estar atento às questões da interdisciplinaridade seria favorecer para atingir os objetivos de cada área no contexto escolar.

Quando o aluno “T” cita “um jeito novo” podemos perceber que para ele, a Dança foi apresentada recentemente, na idade adulta, como forma de conhecimento e aprendizado escolar. Em seguida relata “é bem mais trabalhoso”, permitindo-nos interpretar que para ele, mexer com o corpo, expressar-se criativamente através do movimento dá trabalho, mas quando diz “é bem mais aproveitado”, parece que ele conseguiu aproveitar as propostas e objetivos da disciplina de Dança.

Nas citações dos alunos “N, H e Q”, percebemos a realidade da Dança nas escolas, voltada para as apresentações comemorativas sem muita atenção para os objetivos reais que podemos atingir com o processo de desenvolvimento dessa linguagem na escola. Os professores não conhecem os conteúdos de dança que podem estar desenvolvendo e se prendem às apresentações para festas escolares.

“Penso que a dança nas escolas é expressão corporal. Não é simplesmente colocar uma música e as crianças dançarem como querem. As crianças criam seus movimentos sim, mas depois de entenderem o movimento. Elas conhecem seus corpos e criam coreografias. É uma disciplina

importantíssima. Na escola onde leciono, música e dança caminham juntas. O interessante, que observando as crianças aprendendo uma música, pude perceber no processo da fixação e entendimento da letra, com a dança as crianças se saem melhor ou seja, elas entendem melhor a letra da música quando usam movimentos. Só uma curiosidade!”. Aluno R

Logo, para este aluno, a Dança é expressão corporal, mas deixa claro que “*não é simplesmente colocar uma música e as crianças dançarem como querem*”, precisam de um entendimento do movimento, o “por quê” e o “para quê” estão dançando. Desenvolver no aluno a capacidade de criar movimentos expressando-se conscientemente seria o papel do professor nas aulas de dança na escola.

Tabela 8 – Tema : dança como forma de integração do aluno no meio social

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	EXEMPLOS	N
Integração do aluno	Sim	<p><i>“Sim, porque tem alunos que tem medo até de se tocar...”. Aluno J</i></p> <p><i>“Sim, por ser um exercício que há contato e interação, as crianças aprendem a conviver com as outras pessoas”. Aluno F</i></p> <p><i>“Sem dúvida porque o valoriza, melhora a auto-estima e há uma equidade no que diz respeito às diferenças pessoais, no momento da dança”. Aluno S</i></p> <p><i>“Com certeza, faz bem para saúde e faz com que a criança ou mesmo os adolescentes e adultos se expressem, deixando a timidez de lado”. Aluno E</i></p> <p><i>“Acredito que é possível desde que a integração seja um dos objetivos a serem atingidos pelo professor”. Aluno P</i></p>	50
	Não		0



Gráfico 8– Integração do aluno

As danças que focam as apresentações comemorativas tornam-se de execução individualista, por se tratarem de seqüências prontas onde cada um deverá memorizar individualmente o passo, para depois se apresentar em grupo, não considerando o preparo ou a emoção individual da criança. Nesses casos, pode ainda acontecer, de algum aluno se destacar perante o grupo, surgindo assim o “estrelismo” que apesar de natural, e se o professor não souber lidar com isso, acaba deixando de lado os demais, principalmente, aqueles que necessitam de mais atenção, com dificuldade em expressão, por inibição ou outro motivo qualquer.

Assim, ao invés de ajudar os alunos mais inibidos acabam “matando” a vontade de dançar, que muitas vezes está escondido no íntimo de cada aluno, esperando um “empurrãozinho” para poderem se libertar.

Tabela 9 – Tema: Pensamento sobre o que os alunos deveriam aprender.

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	EXEMPLOS	N
“deveriam aprender”	Todos os estilos e tipos de dança	<p>“<u>Todos os tipos de dança</u>, sem exceção”. Aluno C</p> <p>“<u>Acho que todas possíveis</u>, porque o tipo de dança diz muito a respeito da cultura desse tipo de dança, danças folclóricas, populares, dança de rua, enfim, dança é a expressão do corpo”. Aluno E</p> <p>“<u>Todos os tipos de dança</u> e todos os estilos, pois cada aluno vêm de uma realidade e é interessante trocar conhecimento e aprender com os colegas”. Aluno O</p> <p>“<u>Todas as danças</u>, até mesmo porque há várias culturas e gostos diferentes e diversidades faz com que eles se descubram o que há dentro de si”. Aluno Q</p> <p>“<u>Todos</u>, pois não vejo nenhum preconceito em danças, muito pelo contrário, cada um é cada um”. Aluno M</p> <p>“<u>Acho que todos os ritmos</u> pois cada uma tem algo bom, novo para transmitir aos alunos”. Aluno F</p> <p>“<u>Todos os tipos de dança</u> que são consideradas como artísticas”. Aluno K</p>	31
	Dança contemporânea/ Moderna	<p>“<u>A dança contemporânea</u>, pois valoriza mais os movimentos, trabalha-se respeitando a limitação de cada um e também trabalha a espontaneidade”. Aluno N</p>	5
	Pesquisa entre os alunos	<p>“<u>Acredito que o tipo de dança a ser dado na escola</u> deveria ser o de <u>resultado de uma pesquisa entre os alunos</u>, como forma de motivação”. Aluno J</p>	5
	Danças Folclóricas	<p>“<u>Deveriam aprender danças folclóricas</u>.” Aluno L</p>	4
	Danças Acadêmicas e populares/ Folclóricas	<p>“<u>Além das datas típicas e folclóricas</u>, (datas comemorativas), algumas danças <u>acadêmicas</u>, que o aluno “se encontre”, para também prazer pessoal”. Aluno P</p> <p>“<u>ter noções de danças acadêmicas e danças populares</u>”. Aluno I</p>	4
	Dança da Moda/Mídia	<p>“<u>Poderia ser livre</u>, talvez a que esteja na <u>moda</u>”. Aluno K</p>	1

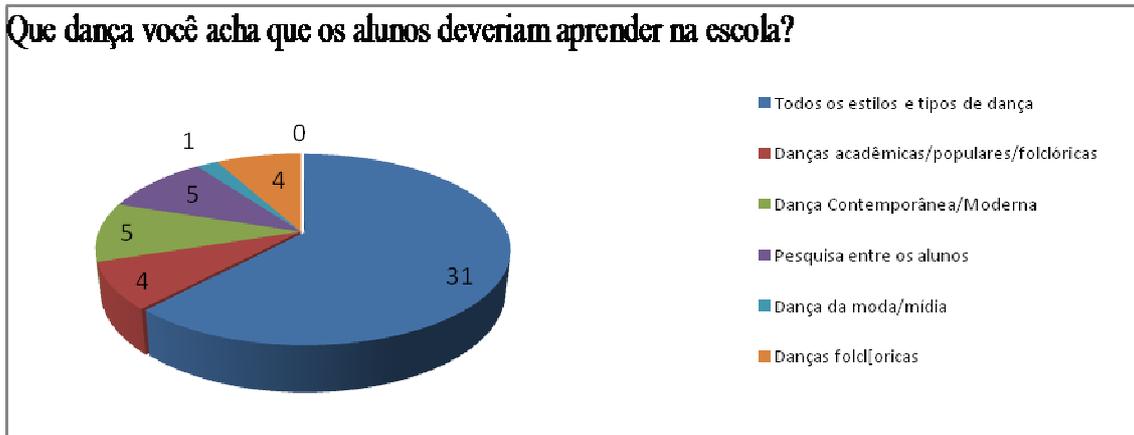


Gráfico 9 – O que “deveriam aprender”

Refletindo sobre a tabela acima, encontramos subcategorias que se encaixam, por exemplo: quando mencionam “todos os estilos e tipos de dança”, as danças de academia, populares e folclóricas podem ser incluídas também; portanto somando as duas categorias teremos 35 afirmativas de que os alunos deveriam aprender nas escolas todos os tipos de dança. Para dança contemporânea, foram cinco (5) respostas, e apenas quatro (4) para dança folclórica como a única a ser ensinada nas escolas. A dança da moda/mídia obteve uma (1) resposta, e realizar uma pesquisa entre os alunos para depois desenvolverem algum tipo de dança foram cinco (5) respostas.

Mas será possível ensinar todos os tipos de dança que existem? Mesmo que fosse, será esse o objetivo dessa linguagem artística no espaço escolar?

No comentário do *Aluno A*: “*Todos os estilos e tipos de dança. Afinal dança é movimento, é expressão. O que interessar ao aluno e o que for apropriado ao momento. Desde que haja um contexto*”, observamos a preocupação em contextualizar, ou seja, conforme explica Marques (2001):

“Ao trabalhar com o contexto, vejo uma imensa rede sendo tecida com diferentes texturas, cores, tamanhos, estruturas, complexidades. Esta rede de dança e educação, baseada nos relacionamentos entre os conteúdos da dança, os alunos e a sociedade, absolutamente não ignora os relacionamento/sentimentos/sensibilidade “humanos”. Ao contrário, a formação desta rede possibilita o aumento de nossa capacidade de encontrar novos e diferentes modos de construir/reconstruir um mundo mais significativo para o próprio indivíduo”. (p. 94)

Tabela 10 – Tema: Expectativa quanto ao conteúdo abordado

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	EXEMPLOS	N
Expectativa quanto ao conteúdo	Sim	<p>“Sim. As aulas guiaram meu olhar para movimentos que jamais havia apreciado, gerando interesse muito grande, em praticar e em ensinar”. Aluno F</p> <p>“Sim, as aulas foram bem aproveitadas, vários temas abordados e a socialização com colegas aumentou”. Aluno N</p> <p>“Sim, tanto teórico como na prática”. Aluno H</p> <p>“Sim, teoricamente aprendi muito, achei interessante o estudo do movimento desenvolvido por Laban, e na prática aprendi a gostar mais, perdendo aquela inibição do início das aulas”. Aluno K</p> <p>“Superou as minhas expectativas”. Aluno C</p> <p>“Atendeu muito as minhas expectativas”. Aluno E</p> <p>“Sim. Quando pensava em dança não tinha idéia de quanto conteúdo é disponível”. Aluno P</p> <p>“Sim, porque o importante na faculdade é aprender o que se pode e como trabalhar com as crianças, porque seremos futuros professores de Artes”. Aluno I</p>	42
	Em parte	<p>“O que ainda não assimilei muito bem é a aplicabilidade, como fazer, para quem devo ensinar isso ou aquilo”. Aluno A</p> <p>“... mas em virtude de espaço inapropriado e de tempo restrito, poderia ser melhor aproveitado o conteúdo”. Aluno D</p> <p>“Um pouco, devido a quantidade de aulas dadas e o tempo”. Aluno R</p>	8

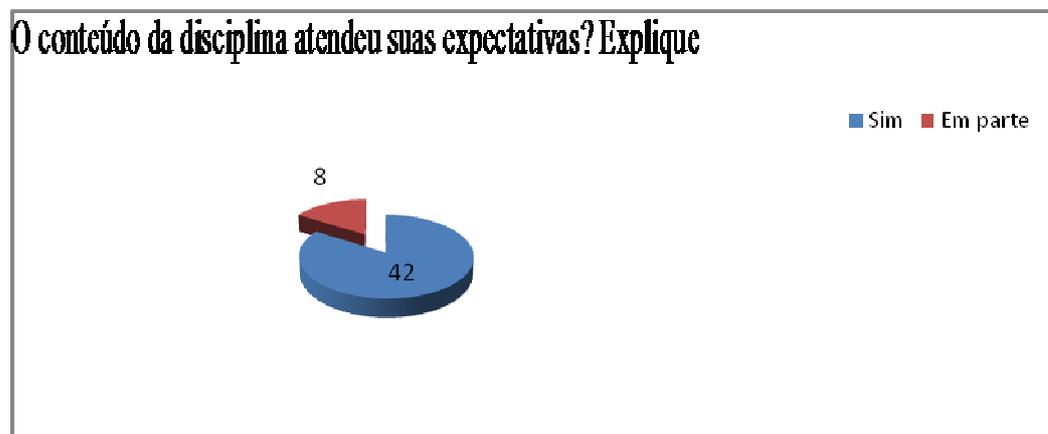


Gráfico 10 – Expectativa quanto ao conteúdo

Parece-nos que o conceito sobre a dança para esses futuros profissionais da educação modificaram no decorrer da disciplina, pois, comentários como: *“obra de arte”, “me relacionar”, “a socialização com colegas aumentou”, “uma maneira de dança que não conhecia”, “a beleza dos movimentos”, “vários conteúdos da dança”, “descobri um “outro corpo” nunca explorado antes”, “quanto conteúdo é disponível”, “quanta coisa útil eu não sabia”*; refletem pensamentos que os alunos não revelaram inicialmente. Pensar o corpo como obra de arte, refletir sobre movimentos expressivos que o corpo revela a ocupação deste corpo no seu espaço e no espaço do outro, o respeito ao movimento criado pelo outro, a apreciação do movimento e o olhar crítico sobre a obra observada.

Inicialmente, os entrevistados esperavam aprender tudo sobre todas as danças, os passos correspondentes a cada estilo; mas em se tratando de educadores artísticos, o trabalho com a dança se dá no processo criativo, criar movimentos com o corpo fazendo qualquer pessoa ser um artista, sempre com o objetivo de conscientizar para as qualidades do movimento, não é apenas *“pôr uma música e deixá-la tocar”* como comentou um dos alunos.

O objetivo da dança na escola parece-nos que ficou claro, mas como aplicar, ainda trás dúvidas aos futuros professores. O conteúdo passado foi vivenciado por eles refletindo positivamente em si mesmo, mas a aplicabilidade disso na escola, isto é, a prática docente parece-nos confusa para eles.

Devido à *“não vivência corporal”*, durante sua vida, o indivíduo quando adulto percebe a dificuldade quando se depara com o ensinar atividades relacionadas com o movimento e a expressão corporal. Como ensinar uma coisa que não viveu?

Uma questão muito importante apontada pelos entrevistados é o local onde foram realizadas as aulas, uma vez que lutamos para a inserção da dança nas escolas, deparamos, dentro do ensino superior com dificuldades físicas que tornam a nossa prática ainda mais trabalhosa. Se dentro do próprio ensino superior, onde ensinamos os objetivos e os ótimos resultados que a dança vem mostrando em vários aspectos, ainda não possuímos as condições necessárias para a aplicabilidade da dança, como enfrentar esse impasse nas escolas municipais e estaduais? A criatividade docente ainda é a arma de todos, e que sem dúvida, é com ela que trabalhamos, com o cuidado de não cair na improvisação.

Tabela 11 – Tema: Pontos positivos e negativos do conteúdo abordado

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	EXEMPLOS	N
Pontos positivos e negativos	Dinâmicas/improvisação/criatividade/prática	<p>“O conteúdo me deixou clara do que consiste a dança, toda a sua história. As dinâmicas foram gratificantes e de grande aproveitamento, principalmente aquela dos espaços vazios do corpo”. Aluno A</p> <p>“O que mais gostei foram as aulas que a professora deixou que os alunos usassem a criatividade para criar os movimentos. Eu gostei de tudo”. Aluno C</p> <p>“Gostei muito dos aquecimentos, das atividades propostas e da interação. Não gostei muito do espaço oferecido”. Aluno I</p> <p>“Foi tudo muito curioso, sempre uma expectativa, gostei da maneira de fazer na prática e explicar na teoria. Sinceramente não teve o que não gostei”. Aluno N</p> <p>“Gostei das aulas práticas, e achei super interessante e importante as aulas teóricas”. Aluno D</p> <p>“O que mais gostei foi da interação do grupo e justamente o que não gostei foi das dificuldades de alguns alunos não terem trabalhado muito bem essa interação”. Aluno O</p> <p>“Eu gostei de tudo: dos exercícios de aquecimento e alongamento (pois nunca pensei que fosse capaz de transmiti-los a alguém), das propostas de dança passada, dos desafios, dos debates sobre os conteúdos ministrados, a troca de experiências, a liberdade de expressão”. Aluno F</p>	37
	Teoria e Prática	<p>“Achei que a matéria foi explanada muito rápida com poucos exemplos”. Aluno M</p> <p>“Gostei no início, das aulas práticas, pois para mim vivenciando o conteúdo de dança deu para ter uma idéia de como pode ser o trabalho com os alunos. A teoria também aliada à prática foi de fundamental importância. Por outro lado, sinceramente, não gostei de chegar a faculdade e ter pouco tempo de estudo prático ou teórico, devido a fatores externos: como a falta de comunicação sobre o local e horário da aula”. Aluno H</p> <p>“Todo o contexto da dança: preparação, aquecimento, atividades e a história. O que não gostei, posso dizer que não há muito aprofundamento.” Aluno R</p> <p>“O local para as aulas práticas não é muito agradável devido a sujeira”. Aluno G</p> <p>“Gostei de termos aulas teóricas e também práticas. Não encontrei pontos negativos”. Aluno I</p> <p>“Eu gostei de saber como surgiu a dança, mais o que mais gostei foi das aulas práticas e o que menos gostei foi das aulas teóricas”. Aluno J</p>	13



Gráfico 11 – Pontos positivos e negativos

A maioria afirmou ter gostado das aulas, e revela principalmente a importância da interação, sendo um dos pontos primordiais apontados.

Como aspectos negativos apontaram o local inadequado, fora do ambiente da faculdade, necessitando de deslocamento por parte dos alunos, causando desencontros com relação às informações sobre onde seriam realizadas as aulas. Os alunos graduandos, desatentos com as informações passadas verbalmente se perdiam em busca do local.

Mencionaram pouco tempo de aula, isto é, a quantidade de aulas oferecidas para esta disciplina não permite o aprofundamento no assunto, havendo necessidade dos alunos pesquisarem além. As aulas teóricas, também foram apontadas por não terem gostado, pois necessitam de reflexões sobre a história de nossos antepassados e nossa história de vida hoje.

Tabela 12 – Tema: Dificuldade nas aulas

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	EXEMPLOS	N
Dificuldade nas	Inibição/vergonha	<p>“No início, me soltar, depois relaxar”. Aluno C</p> <p>“Acho que a questão do toque, porque tenho um pouco de vergonha”. Aluno A</p> <p>“De início a inibição, depois as aulas foram ocorrendo normais uma certa expectativa para próxima aula”.</p> <p>Aluno D</p> <p>“Na 1ª aula senti dificuldade para me relacionar porque a “vergonha” me prendia, mas depois a cada aula eu me descobria novamente”. Aluno K</p> <p>“Sim, na primeira vez “vergonha”, mas logo passou, é porque todo mundo fica olhando em vez de ajudar alguns atrapalha”. Aluno F</p> <p>“Sim, na hora das aulas práticas porque eu sentia muita vergonha pois afinal isso nunca tinha acontecido comigo; mas depois de um tempo você acostuma com as pessoas e a vergonha passa”. Aluno M</p>	23

aulas	Não tiveram dificuldades	“Não”. Aluno R “Nenhum, as atividades eram leves”. Aluno P “Não, foram aulas com esclarecimento muito bom”. Aluno Q “Não, porque eu gostei de tudo”. Aluno T	18
	Dificuldade em alongar/falta de praticar exercícios físicos	“Sim, nos alongamentos feitos antes da aula, mas é devido à falta de prática.” Aluno N “As dificuldades são físicas, o corpo não está habituado com alongamentos”. Aluno I “Sim, nos exercícios, pois não pratico muito e tenho problema na coluna”. Aluno G	8
	Dificuldade no trabalho em grupo	“Não me senti a vontade com todos os integrantes do grupo. Creio ser um problema pessoal e de afinidades mesmo. E também, num outro momento, quando não havia um consenso entre os integrantes do grupo para montar uma coreografia, onde cada um queria prevalecer sua vontade”. Aluno S	1

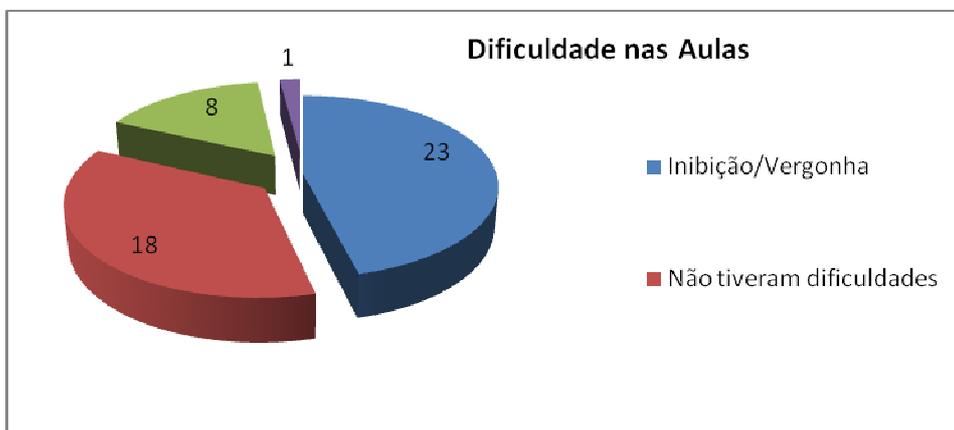


GRAFICO 12 - Dificuldade nas aulas

As dificuldades apontadas pelos entrevistados foram em sua maioria, 23 respostas, relacionadas com a inibição/timidez/vergonha, pois as dinâmicas além de explorar os conhecimentos específicos em Dança como: espaço, peso, tempo e fluência, do método Laban, também se preocupou em fazer com que os alunos superassem certos bloqueios enraizados durante a vida. E como percebemos nas falas desses alunos, as dinâmicas atingiram seus objetivos, uma vez que, eles mencionaram que ao final das aulas haviam superado a inibição/timidez/vergonha inicial.

Nanni (2002), afirma que:

“A exploração e experimentação do corpo, é uma tentativa de levar o educando às descobertas, vivências e oportunidades mais criativas através da relação consigo mesmo, com os outros, objetos e o mundo”. (p.102)

Os resultados apontaram que 18 responderam não terem encontrado dificuldades, acharam as aulas leves e bem esclarecidas, os demais, num total de 8 responderam que as dificuldades foram com relação ao alongamento antes da aula, a falta de praticar exercícios foi fator importante para o desenvolvimento das dinâmicas.

Interessante destacar que apenas um respondeu ter dificuldade no relacionamento com os outros, ele mesmo aponta que deve ser questão de afinidade, e não gostou quando o grupo discutia para consensualmente decidirem a montagem da coreografia proposta.

Tabela 13 – Tema: Preparado para a prática docente

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	EXEMPLOS	N
Preparado para a prática docente	Não	<p>“Não, apesar de terem sido boas aulas, a preparação física não é suficientemente boa para tal” Aluno G</p> <p>“Ainda não. Para ministrar o conteúdo dança penso que tenho que dar o exemplo. E para isso, preciso melhorar desde a minha postura corporal, até mesmo aprimorar os conhecimentos através de cursos de dança e muita leitura”. Aluno Q</p> <p>“Preparado totalmente ainda não, pois tenho muito que aprender”. Aluno M</p> <p>“Infelizmente ainda não”. Aluno K</p> <p>“... mais ainda não me sinto preparada à ministrar aulas de dança, pois foi muito pouco tempo”. Aluno H</p> <p>“Penso que ainda não. Devo me prepara melhor” Aluno P.</p> <p>“Não. Não sei o que trabalhar com os alunos nas diferentes faixas etárias”. Aluno T</p>	27
	Sim	<p>“Sim, pois se perde a vergonha, porque não posso fazer com que vários outros pensam, ou até se ajuntem as boas maneiras da vida”. Aluno J</p> <p>“Sim. Porque tenho base de dança por ter estudado na Escola Municipal de Bailado de São Paulo.” Aluno R</p> <p>“Sim, estou preparada por causa da grade apresentada, e do conteúdo que nos foi colocado, com a responsabilidade de mudar o “antigo” conceito das aulas de artes.” Aluno O</p> <p>“Sim, tenho alguma base. As aulas não só passaram o conteúdo como também passaram também o caminho de pesquisa”. Aluno I</p> <p>“Sim, porque aprendi muito, na questão do respeito pelo aluno, as formas de se expressar, usar a criatividade e aproveitar tudo o que o aluno tem para oferecer”. Aluno P</p> <p>“Sim, pois já sei algumas técnicas e já estou praticando quando dou aula de dança substituindo quando é necessário”. Aluno S</p>	21
	Em parte		2

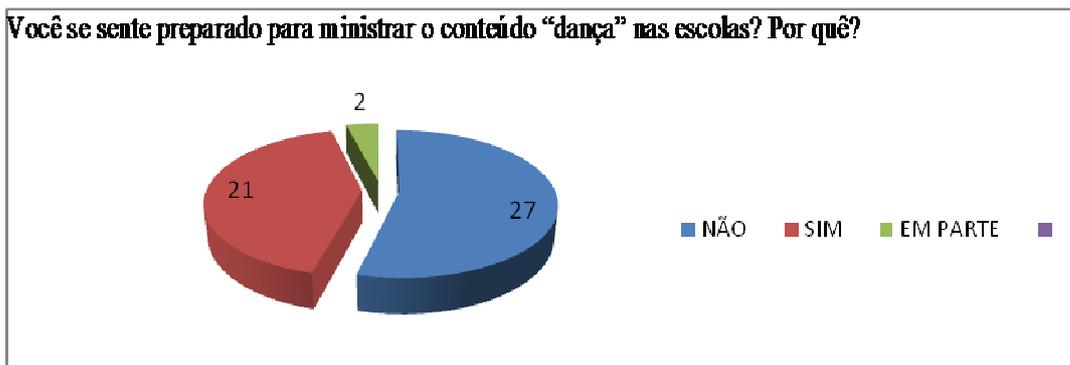


Gráfico 13- Preparado para a prática docente

Os alunos não se sentem preparados para aplicar a dança nas escolas, pois duas aulas semanais durante um semestre letivo de um curso de três anos, não é suficiente para se sentirem seguros. Portanto, se esses alunos tivessem vivenciado a dança durante sua vida escolar (educação infantil, ensino fundamental e médio), hoje cursando a graduação teriam inúmeras experiências acumuladas, tais como teoria e prática do movimento corporal, podendo se expressar melhor como indivíduos na sociedade.

Ao compararmos as respostas dadas do questionário inicial com as do questionário final, podemos perceber que após a disciplina de dança durante o semestre, os alunos ainda assim continuaram com dificuldades com relação ao movimento, à expressão; pois está enraizado desde sua infância um “tipo” de repressão à expressão, à liberação, à criatividade através do movimento. Fica claro a necessidade de continuar o trabalho de incentivo às atividades relacionadas com o corpo, a música, a desinibição, desde à infância permitindo chegar à idade adulta bem mais hábil com relação aos movimentos e a expressão corporal.

4.3 Resultado e discussão da investigação realizada pelos alunos aos professores de arte das escolas municipais da cidade onde moram.

Os graduandos em Arte, através de um questionário (Anexo 3), foram nas escolas municipais da cidade onde moram, entrevistar os professores formados em exercício docente, na intenção de averiguar a situação atual da dança nas escolas, como requisito de avaliação da disciplina de Dança. Esta investigação foi realizada com o objetivo de favorecer aos alunos o conhecimento da realidade da dança nas escolas, para novas reflexões e futuras mudanças.

Conforme discussão aberta durante os encontros da disciplina em sala de aula, muitos disseram ter encontrado dificuldades, pois alguns professores desprezaram o trabalho em

questão e não quiseram responder as questões. Outros colaboraram e responderam sobre o que pensam e o que fazem durante suas aulas de Arte no ensino fundamental com relação à atividade com dança.

Os professores foram avisados sobre a pesquisa e respeitados em sua identidade, pois não precisaram se identificar.

Ficou claro nas respostas, que procuram desenvolver com seus alunos danças folclóricas com a finalidade de se apresentarem nas comemorações escolares, independente da expressão rítmica que cada uma contenha. A preocupação com a apresentação se torna mais importante do que o conhecimento que o aluno adquire com as aulas e a possibilidade que o trabalho com o corpo irá somar na sua formação como sujeito, através de atitudes, comportamento, e hábitos futuros.

Observaram nas respostas que o professor menciona sempre, precisar de material (físico), um roteiro ou uma coreografia em mãos, uma vez que a dança não necessita de material específico outro, que não seja o corpo e a criatividade. Entendemos que o material ao qual o professor se refere seja, bibliografia, dinâmicas, possibilidades de se trabalhar com o movimento.

Outro fator destacado é a falta de tempo nas aulas, já que o conteúdo de Arte a ser ministrado é extenso e possui “material”, já pronto, pesquisado em outras linguagens como: escultura, pintura, música, e como a dança necessita de uma vivência corporal por parte dos professores ela fica sem “tempo” para ser desenvolvida com os alunos, justificada pela falta de espaço físico adequado para a prática, além de atrapalhar as demais disciplinas do currículo, impedindo o desenvolvimento da expressão corporal na escola.

Além disso, acabam deixando o trabalho de desenvolver a dança na escola para o profissional de Educação Física, alegando ser atividade física, principalmente por que também faz parte do conteúdo da Educação Física.

Percebemos que o professor de Artes não consegue discernir o que é expressão corporal, o trabalho com o corpo, que favoreça à livre expressão do sentimento, e ainda, confunde alongamento e relaxamento; e deixam essa tarefa para o profissional de Educação Física. Parece-nos, não estarem claro as diferenças entre os objetivos da Educação Física e da Educação Artística.

Estes apontamentos feitos pelos professores de Arte escondem sua dificuldade em relação ao movimento que carregam em si desde sua infância. Alegam outros fatores na tentativa de justificar o não desenvolvimento da dança na escola.

O professor formado em Arte que não teve oportunidade de vivenciar o movimento corporal na infância, e na idade adulta, quando cursou a graduação, não encontrou possibilidade de conhecer conceitos e métodos de aplicar a atividade com dança para seus alunos deixando o ensino dessa linguagem a desejar na educação brasileira.

Durante as discussões em sala de aula, os graduandos perceberam através dos resultados de sua pesquisa, a necessidade de mudança no ensino de arte, não deixando prevalecer o ensino de artes visuais, e dando maiores oportunidades para outras linguagens, assim como apontam os documentos oficiais.

Portanto, percebemos que o professor para trabalhar com a dança nas escolas deve ter conhecimento sobre o movimento corporal e ter vivenciado em seu próprio corpo as qualidades do movimento. Deverá saber desenvolver em seus alunos a consciência corporal, possibilitando a integração social e a análise crítica ao observar os vários estilos de dança, existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram muitos os caminhos percorridos durante estes anos de estudo sobre a importância da dança, tentando buscar certezas entre muitas incertezas que envolvem a dança dentro das escolas, até a finalização provisória desta investigação. Provisória, porque o tema é amplo e outras questões certamente aparecerão.

Partimos de inúmeras inquietações que incentivaram esse estudo, e quando falamos em qual profissional estaria apto a contribuir com o conhecimento em dança nas escolas, buscamos respostas na graduação em Educação Artística, uma vez que documentos oficiais conferem essa competência para o ensino à licenciatura.

A pesquisa nos revelou, que a Dança introduzida na nossa sociedade brasileira, desde os primórdios da colonização, não foi de tudo oferecida de forma socializada, um direito de todos, tanto como lazer ou como cultura. Muitas vezes, relegadas às práticas culturais espontâneas e vinculadas a ritos religiosos, teve atrelada a si, o significado do corpo. Numa sociedade fundamentalmente religiosa, catequizada por jesuítas, a instrução primária sempre valorizou os pudores femininos não permitindo a exibição feminina nas práticas escolares, bem como nas de salão. Assim, sendo, não é desconhecido o fato, de que o papel da Dança não está esclarecido em nossa sociedade, pois sendo o corpo banido durante séculos por força da catequese e educação feminina nas escolas, e também pela educação voltada ao trabalho, ela vem, com muito esforço, sendo mostrada aos poucos, por pessoas que se identificam com ela, artisticamente.

Atualmente, vemos a dança sendo banalizada pelos veículos de comunicação, atrelada à sensualidade do corpo, à exposição das formas corporais, sem sequer se preocupar com a educação através do movimento.

Mesmo com as mudanças introduzidas pela LDB 9394/96, inserindo a prática dessa linguagem artística como forma de conhecimento a ser trabalhada pelos profissionais de Arte, a realidade na maioria das escolas é outra, prevalecendo o ensino de Artes Visuais.

Sabemos que após a publicação dos PCNs, oferecendo aos profissionais da educação em Arte sugestões de conteúdos a serem aplicados, como forma de conhecimento em dança, pouca coisa mudou.

O objetivo deste estudo possibilitou diagnosticar que os graduandos em Educação Artística, possuem concepções errôneas sobre a dança na escola, pois sua vivência corporal anterior está baseada nas festas noturnas, ou mesmo em apresentações escolares.

O graduando em Educação Artística não se sente preparado para atuar com a dança nas escolas, e busca elementos que possibilitem desenvolvê-la na educação básica.

A pesquisa revelou ainda que os alunos após terem participado da pesquisa através das dinâmicas práticas e das aulas teóricas sobre dança, estes mudaram a sua visão com relação ao movimento corporal. Puderam manifestar novas concepções sobre tal e conseqüentemente, seus objetivos dentro da educação escolar; entenderam a dança como processo educativo, como conhecimento de corpo, como expressão e criação através dos movimentos, além de uma forma de comunicação de várias culturas, permitindo a “percepção do espaço, peso, tempo, e fluência”, além da colaboração e o respeito ao próximo, como propõe o método Laban.

Apesar de mencionarem o pouco tempo para as aulas de dança no currículo do ensino superior, é válido ressaltar que a discussão sobre o assunto trouxe mudança de conceito por parte dos alunos, bem como a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto.

A prática docente nas escolas, ainda hoje, requer uma reavaliação; pois os docentes não possuem conhecimento suficiente sobre o assunto em questão, e a sua vivência no quesito trabalhar com o próprio corpo e sua expressividade, pouco contribui para essa experiência corporal/artística do aluno.

Fez parte da disciplina uma investigação realizada pelos alunos do Curso de Arte, com os professores em exercício docente, e como resultado observamos que a maioria não aplica atividades com dança em suas aulas, alegando diversos fatores, como a falta de espaço e materiais, e quando o fazem é apenas para cumprir uma exigência da escola, não tem preparo para tal função, alegando a falta de cursos específicos da área; o objetivo fica, então, centrado nas apresentações comemorativas.

Os professores graduados atuantes no ensino de Artes alegam ‘falta de preparo’, ‘limitações em seu próprio corpo’, falta de espaço físico’, e conhecimento específico para dança, e ‘ adotam também a dança como produto final, ou seja, apresentar uma dança nas festividades escolares’, deixando o trabalho para o professor de Educação Física.

Outra realidade constatada é a do professor trabalhar com músicas populares, que seja de fácil memorização para o aluno, possibilitando assim que os mesmos criem coreografias, utilizando-se dos estilos de dança que fazem parte da realidade cultural que eles estão inseridos, sem propor novas possibilidades de conhecimento sobre a dança e sem interligar os conteúdos específicos do contexto escolar.

Poucos profissionais de Educação Física introduzem a dança em suas aulas, e quando o fazem é direcionado às apresentações festivas da escola; os profissionais de Artes se prendem ao ensino das Artes Visuais, e quando trabalham com a dança, pensam em “enfeitar” com gestos alguma situação para apresentarem aos pais.

O conhecimento popular em dança possui significados socialmente construídos através da história, e o trabalho com dança, ainda hoje, se volta às festividades. Há uma ausência do saber quando tratamos a dança como forma de conhecimento e com inúmeras possibilidades de aprendizado.

Acredito que em todos os âmbitos devemos insistir na defesa da dança na escola, e inseri-la no currículo escolar como área de conhecimento específico. A escola é um dos lugares responsável pela prática da cultura corporal de movimentos produzidos pelos seres humanos, assim, ela possibilita a investigação e reconhecimento da história sócio-cultural dos alunos, com relação aos padrões éticos e estéticos culturalmente construídos e que podem ser analisados criticamente e criativamente no mundo atual, possibilitando a formação de cidadãos mais interativos e expressivos.

Esperamos que esta pesquisa venha contribuir para a formação do futuro professor em Artes, propondo um novo olhar sobre a realidade da dança no contexto escolar, e oferecer subsídios para uma reflexão coletiva para os profissionais da área de Artes.

REFERÊNCIAS

- BARDIN**, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Presses Universitaires de France, 1977. Edições 70, Ltda.
- BRACHT**, Valter. *A constituição das teorias pedagógicas da educação física*. CEDES, Caderno 48. Corpo e Educação. 1ª ed. 1999.
- BRASIL**. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais-ARTE**, ensino de primeira à quarta séries. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL**. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais-ARTE**, ensino de quinta a oitava séries. Brasília: MEC/SEF, 1998
- FAHLBUSCH**, Hannelore. **Dança Moderna e Contemporânea**. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.
- FARO**, Antonio José. **Pequena História da Dança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 6.ed, 2004.
- LABAN**, Rudolf. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990. Tradução de Maria da Conceição Parayba Campos.
- MARQUES**, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 2001.
- NANNI**, Dionísia. **Dança Educação – Princípios e técnicas**. Rio de Janeiro: 4ª Ed.: Sprint, 2002.
- OSSONA**, Paulina. **A educação pela dança**. São Paulo: Summus, 1988. Tradução de Norberto Abreu e Silva Neto.
- PACHECO**, Ana Júlia Pinto. **Educação Física Feminina: uma abordagem de gênero sobre as décadas de 1930 e 1940**. (Revista da Educação Física/UEM 9(1):1998.
- PORTINARI**, Maribel. **História da dança**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. (Teatro, cinema, televisão e música).
- REIS**, Daniela. **Ballet Stagium e o debate sobre a Dança Moderna Brasileira no contexto sóciopolítico na década de 1970 – UFU/NEHAC**. Revista Fênix: Revista de História e Estudos Culturais, Janeiro, Fevereiro e Março de 2005 vol.2 Ano II n}1. Disponível em www.revistafenix.pro.br, acessado em 21/10/2007.
- ROMANELLI**, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999- 23ª ed.
- SAVIANI**, Demerval. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004

SBOQUIA, Silvia Pavesi. A Dança no contexto da Educação Física: os (dês) encontros entre a formação e a atuação profissional. Dissertação de Mestrado. UNICAMP/FEF, Campinas (SP). 2002.

SCARPATO, Marta Thiago. Um fato em escolas de São Paulo. CEDES, Cadernos 53. Dança-Educação, 1ª ed. 2001.

SILVA, Ana Márcia. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. CEDES, Caderno 48. Corpo e Educação. 1ª ed. 1999

STRAZZACAPPA e MORANDI. A formação do artista da dança. Campinas: Papirus, 2006.

TOZZI, D. (coord), COSTA, M.M, HONÓRIO, T. Educação em Arte – Idéias 31. São Paulo: FDE, 2004

ZOTTI, Solange A. Sociedade, educação e currículo no Brasil: dos jesuítas aos anos de 1980. Campinas: Autores Associados, 2004

ANEXO 1**QUESTIONÁRIO INICIAL**

Aplicado aos alunos da graduação em Educação Artística, no início do semestre da disciplina de Dança.

Nome do aluno: _____

Período: _____ Data: _____

- 1- Você já teve em algum momento de sua vida contato com a dança? Descreva.
- 2- Você leciona ou já lecionou em escolas? ()sim ()não
- 3- Como efetivo? ()sim ou como eventual? ()sim
- 4- O que você acha que os alunos das escolas **“gostariam”** de aprender nas aulas de dança?
- 5- O que você acha que os alunos das escolas **“deveriam”** aprender nas aulas de dança?
- 6- O Que você pensa sobre a dança nas escolas hoje?
- 7- O que você espera conhecer nas aulas de dança na faculdade?

ANEXO 2**QUESTIONÁRIO FINAL**

Aplicado aos alunos da graduação em Educação Artística, no final do semestre da disciplina de Dança.

Nome do aluno: _____

Período: _____ Data: _____

- 1- O que você pensa sobre a dança nas escolas? Explique.
- 2- Você acredita que a atividade com dança pode melhorar a integração do aluno no meio social (escola) no qual ele está inserido?
- 3- Que dança você acha que os alunos deveriam aprender na escola?
- 4- O conteúdo da disciplina atendeu suas expectativas? Explique.
- 5- Escreva o que você mais gostou e o que menos gostou durante as aulas de dança na Faculdade?
- 6- Você sentiu dificuldade em algum momento das aulas? Qual? Por quê?
- 7- Você se sente preparado para ministrar o conteúdo “dança” nas escolas? Por quê?

ANEXO 3**QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES**

1- Você ensina alguma dança para os alunos? () sim () não

Especifique: _____

2- Você trabalha exercícios de expressão corporal? () sim () não

Especifique: _____

3- Você trabalha ritmos diversos para a integração da sala e/ou desinibição dos alunos?

() sim () não

Especifique _____

4- Por que os alunos se recusam à atividades de dança? Cite 4 (quatro) motivos:

1- _____ 2- _____ 3- _____ 4- _____

5- Quem mais participa nas aulas de dança? () Homens () Mulheres

6- Você acredita que a atividade com dança pode melhorar a integração do aluno no meio social (escola) no qual ele está inserido?

7- Quando prepara a aula, como você vê a dança: como cultura ou lazer?

8- Você acha que o professor de Arte tem preparo para ministrar o conteúdo “Dança” no Ensino Fundamental? Por que?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)